

COISAS. NUMERADAS DE C
M

Mario Quintana

PORTA GIRATÓRIA



ALFAGUARA



NTOS... Depois que
quina dos mundos, Ne
itou-se muito: - "Vê! 1
qui descobrir o moto-cor
4
ÃO. - Deus fez o mun
as e descom...

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

COISAS. NUMERADAS DE
M

Mario Quintana

PORTA GIRATÓRIA



ALFAGUARA



VIL
sej
par
IN
NTOS... Depois que
a
quina dos mundos, No
esp
tizou-se muito: - "Vê!"
com
qui descobrir o moto-cor
14
CR.
veio
ÇÃO. - Deus fez o mun
as e de...

Mario Quintana

PORTA GIRATÓRIA

Todos os direitos desta edição reservados à
editora objetiva ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

COLEÇÃO MARIO QUINTANA

ORGANIZAÇÃO
Italo Moriconi

PROJETO DE CAPA E MIOLO
Mariana Newlands

MANUSCRITOS DE CAPA E MIOLO
Arquivo Mario Quintana/Acervo Instituto Moreira Salles

IMAGEM DE CAPA
Eneida Serrano

REVISÃO
Raquel Correa
Joana Milli

COORDENAÇÃO DE E-BOOK
Marcelo Xavier

CONVERSÃO PARA E-BOOK
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
(SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ, BRASIL)

Q67p

Quintana, Mario

Porta giratória [recurso eletrônico] / Mario Quintana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

192p.

ISBN 978-85-7962-303-5

1. Poesia brasileira. 2. Crônica brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

14-10509 CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
O fármaco do poeta
A poesia
Cujas canções
Regresso à casa paterna
Nostalgia
A vida simples
Diálogo familiar
A minha mensagem
Primavera
De um diário de viagem
A outra mão
Lagosta à moda francesa
Retrato
Motivações
A leitura interrompida
Triste história
Carvalhos & margaridas
Criatividade
Os nomes
Drácula e os pesquisadores
Sonhando acordado
Nostalgias
Os colecionadores
As personagens
A porta
Da influência dos espelhos
Mapa secreto
Sentimentalismos
Leitura dinâmica
Associação de imagens
Das notas de um ecologista
Pesquisas
Astronomia
Intenções

Adjetivações
Bric-à-brac
Monólogo do espectador
Criação às avessas
Feliz coincidência
Uma espécie de corrida
As máximas
Esteticamente falando
Perguntas entrecruzadas
Cabeça de catavento
Zoologia
Quem somos?
E as coisas, o que são?
Anjo no consultório
O cidadão
Das indagações metafísicas
Natureza viva
Os males da perfeição
O adulto e a banana
Minipaisagens
Depravações do gosto
Os meninos e as frutas
Das ampulhetas e das clepsidras
Academias
Ler e esquecer
História literária
Mais parnasianismo
Respondendo a Regina
Verso avulso
As luas
O povo e a relatividade
A mesa
Anotações
E o Diabo se diverte
Fumar ou não fumar
Esporte
Prosa de bar
Getúlio
O diabo na tipografia
Compensação
Cortar
O leitor ideal
Simenon, assassino

Rapidíssimo encontro com João Sabiá

Dos tapumes

Passarela

Sentimentalismo

Do temor de Deus

Do temor da morte

Fantasia & realidade

Mas

Monotonia

Interrupção

Falando no Diabo...

Sabedoria

A fórmula mágica

O imagista

Caso de consciência

Autor aconselha autor

Dos nomes feios

A velha surpresa

Umbral

Dos males da erudição

Das despedidas

O carro fantasma

Maratona

De puro amor

No ano passado...

Com espanto

Poesia

Robô

Até quando?

Mas não exageremos

Colette

Temor

Sala de espera

Os excitantes e a imaginação

O indizível

Sábado passado

Ah, vida...

Trecho de um diálogo sob as arcadas

Inscrição para um ônibus

O hino nacional

Da boa e da má ignorância

Os intocáveis

Nulla dies sine linea

Quatro buquinistas
Cautela
Os diferentes
?
A cada passo
Da arte de escrever
Recordações
Nada mais vivificante
Na falta de mais o quê
Da mesma forma
Shakespeare & traduções
Conversa bem brasileira
Bom começo
Mau humor
As más companhias
Mata-borrão
Exegeses
Não sei se te lembras
Provocação
Pergunta inocente
Cuidado!
Slogan para o Ministério da Saúde
Incompletude
Uma crônica urbana
Futurâmica
Esses retratistas...
Ah! É?
O instrumento
E por falar em poesia
Vamos descolar
Bobagens
Coincidência
A diferença
Manifestações de amor
Tênis
Respostas tiradas de uma entrevista
Da amizade
Sem fazer pose
Em qualquer circunstância
Na verdade
A pedra e o grito
Gente demais
Tragédia

Indumentária
Impasse
Anonimato
Os deuses astecas
O pássaro pi-i
Receita
Não sou supersticioso
A espuma
Fúrias
Placas de esquina
O inominável
Eles
Vida social
Poesia
Paz
A estrela e o dedo
Vergonha
Sugestão para um anúncio de tv
A transposição
Nocaute
Ainda bem
Os novos
Das viagens
O poema e o tema
Da irresistível beleza
Tlin! Tlin!
Os dois gatos (uma fábula traduzida de Florian)
O brotinho
Não é possível
Das diversas maneiras de pensar
Idade
O espelho no escuro
Verso avulso
Os silêncios
O bom dormir
Da arte de fazer visitas
Realidade
As garotas de Ipanema
Talvez e sem dúvida
Os sorbonagros
Leitura de jornal
Alegria suprema
A estátua

História edificante
A grande atração do circo
Picasso e Dalí
Não olhe para os lados
Os discípulos
Tudo quanto
Circo
Apenas
Era uma vez
A rainha
O primeiro-ministro
Da música
De uma feita
Nem tudo está perdido
Panorama de uma geração
Não pude morrer jovem
Apêndices
 Sobre Mario Quintana
 Cronologia da obra

O fármaco do poeta

Andrea del Fuego

Porta giratória é uma coletânea de textos publicados originalmente no jornal *Correio do Povo*, em Porto Alegre, onde Mario Quintana começou a trabalhar em 1953. São crônicas, poemas, frases sobre o cotidiano, essa jazida de petróleo que os anos fazem deitar-se ao fundo, sustentando oceanos. Aqui, nesses retalhos de texto, “Nietzsche também escrevia por pedacinhos”, há de volta o que não pudemos selecionar por pressa e cansaço.

O poeta dá sempre impressão de ser um homem antigo, talvez pela vidência do maior e também do pequeno, pesando valores em sua balança de joalheiro. Esses senhores ainda têm outro instrumento, sabem usar o cronoscópio, com o qual medem o cotidiano dando-lhe o tamanho provável. Quintana nos confirma que o dia a dia não está tão visível quanto parece, que ele se esconde numa constante seletividade mental para que seja possível a permanência coletiva.

Ele se revela ao dizer que “um poeta vale, feiticeiramente, pelo seu poder encantatório”. Na Antiguidade os médicos dividiam as doenças entre as naturais e as sagradas. Mario Quintana, por acaso filho de farmacêutico, aponta mais: todas as doenças são sagradas. Sendo a doença santa, é desse mesmo patamar que vem seu complemento cíclico, a cura. O fármaco é a palavra, bem dosada, bem chacoalhada para que seu princípio ativo desperte. A doença é curada com o verbo, num divã ou no canto órfico, na poesia desses homens antigos.

O que vem dos deuses, aos deuses voltará. Não que Quintana faça psicografia das bulas divinas, mas é sim uma grafia psíquica do presente simultâneo à escrita. Ele mesmo, Mario Quintana, com um parafuso de aço no quadril por conta de um acidente, assume-se em dois reinos, o animal e o mineral. Híbrido, aqui e lá, colhendo e ofertando suas palavras.

Quintana analisa o componente que faz a palavra, manipula: “O ó é uma letra bocó: está sempre de boca aberta, se espantando de tudo.” Em “A leitura interrompida”, o poeta diz ler William Golding para enganar outros cuidados, aqui uma proposta onde a leitura é suspensão de uma incumbência ou zelo, um deixar-se, e quanto mais deixar-se, mais poeta também torna-se o leitor, independente do que é lido, mas dependente do olhar de quem escreveu, pois também “a beleza de um cartaz independe do que anuncia”, ele diz.

Há uma ideia geral de que a boa letra deve intrigar o leitor, tirá-lo de seu imaginário sedentário, de preferência dando-lhe algum estranhamento e, se possível, angústia. Mario Quintana tem humor umectante, entra em contato espalhando-se por nós de jeito fácil, sedante para o tombo em qualquer significado mais doloroso. Mas “há coisas que só depois é que começam a doer”. Em *Porta giratória* há coisas que só depois é que nos tiram do lugar. O cavalheirismo, a polidez deste senhor, um Fred Astaire da frase, mostra um caminho de ver, lembrando nosso privilégio poético e humano, pois “os caminhos (...) jamais podem ir onde querem”.

Porta giratória fala da poesia, enquanto a poesia fala do prosaico. Uma aliança poderosa, aqui

entregue ao leitor em pedido de união permanente.

Porta giratória
(1988)

Encomendaram-me os editores uma “suma” de minha poesia, o que me enche de perplexidade. Pois não foi aereamente e sim muito de propósito que dei a um dos meus livros (que por sinal é o predileto de Manuel Bandeira, Augusto Meyer e Carlos Drummond) o título de *O aprendiz de feiticeiro*, tirado de uma lenda alemã. Esse incauto aprendiz, na ausência do seu Mestre, pôs-se a lidar com forças desconhecidas, e o que aconteceu foi uma incontrolável multiplicação de vassouras, no meu caso uma multiplicação de poemas.

Saberá mesmo um poeta em que consiste essa espécie de força oculta que o faz poetar? Ele não tem culpa de ser poeta; portanto, não tem do que se desculpar ou explicar.

Se eu conheço algum segredo é o da sinceridade, não escrevo uma vírgula que não seja confessional. Esse desejo insopitável de expressar o que tem dentro de si é o mesmo que leva o crente ao confessionário e o incrêu ao divã do analista. O poeta prescinde de ambas as coisas, e os que não são poetas, mas gostam de poesia, desafogam a si mesmos através dos poemas que leem: porque na verdade vos digo que não é o leitor que descobre o seu poeta, mas o poeta que descobre o seu leitor.

Cujas canções

É costume cada um colocar sua profissão ou títulos nos cartões de visita.

Ora, quem escreve estas linhas já recebeu alguns títulos da generosidade de seus conterrâneos; escolher um só seria indelicadeza com os outros proponentes.

Quanto a mim, sempre fui de opinião que bastava o nome da pessoa, sem a vaidade de títulos secundários. Mas eis que a minha camareira fez-me cair em tentação: dá-se o caso que saiu a edição de meu livro *Canções*, ilustrado por Noêmia e que, ao ser noticiado por Nilo Tapecoara no “Bric-à-brac da Vida”, este o publicou com o meu retrato em duas colunas, e, abaixo do mesmo, uma notícia que assim principiava, com a primeira linha impressa em letras maiúsculas:

MARIO QUINTANA, CUJAS CANÇÕES etc. etc... Ora, na manhã daquele dia, ao servir-me o café na cama, sia Balbina não podia ocultar o orgulho que lhe causava o seu hóspede e repetia:

“Cujas canções, hein, cujas canções!”

O seu maior respeito era devido, sem dúvida, à misteriosa palavra “cujas”...

E não sei se resistirei à ideia que me inspirou sia Balbina: imprimir meu cartão de visitas assim:

MARIO QUINTANA

Cujas Canções

Regresso à casa paterna

De volta a estas páginas, a esta minha velha seção no *Correio*, voltando, enfim, aos meus fregueses de caderno, confesso que não tenho palavras para dizer tudo o que sinto — nem adianta sugerirem que neste caso eu poderia latir, uivar, ganir. Mas por que não?! Espero encontrar os leitores tal como sempre foram, embora eu próprio já não seja o mesmo. Apresso-me a explicar: devido a um acidente de trânsito, colocaram-me no quadril esquerdo um parafuso de aço. Portanto, não pertenço unicamente ao reino animal: também faço parte do reino mineral...

Em todo o caso, o que mais importa é dizer o que significa o *Correio do Povo*, para a minha geração e para as gerações seguintes. Foi no *Correio do Povo* que aprendi as primeiras letras, antes de todas as “O” do título, que meu pai apontou com o dedo, por ser a mais simples, depois as mais complicadas. Até que, quando dei por mim, já sabia ler! Aqui estou de volta, pois, devidamente alfabetizado. Eu e os da Velha Guarda. E, como eu declarei ao dr. Breno Caldas, da última vez que nos encontramos: “A Velha Guarda não morre e não se entrega!”

Disse-lhe eu isto quando a gente vivia tão só de esperanças... Mas, agora, estamos ante a confortadora realidade de pertencer a um velho órgão que faz parte integrante da História do Rio Grande do Sul e, por conseguinte, da História do Brasil.

Nostalgia

Os marinheiros se embriagam tanto em cada porto na ilusão de ainda estarem sentindo o doce embalo maternal das ondas...

A vida simples

Ora, Maria! o meu mundo é de

temperaturas

tenções

fulgurações...

Eu nada tenho a ver com os sentimentos humanos!

Por que que tu não és uma vaca, Maria? Por quê?

Ficaria tudo mais simples e verdadeiro...

Diálogo familiar

— Mas por que você não escreve umas coisas mais sérias?

— Ora, tia Élide! Eu já não sou mais criança...

A minha mensagem

— A minha mensagem? Nenhuma. Não sou moço de recados. Aliás por que você não se deu ao trabalho de ler os meus versos antes de entrevistar-me? Se os conhecesse, lembraria certamente aquele que diz:

“Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição de poema.”

Talvez dê, este claro e misterioso verso, a pensar que o poema é algo exterior ao poeta, uma realidade objetiva — e não relativa ao sujeito que a expressa.

É o que eu creio e receio.

Porque nisto de fazer poemas o que há, para mim, é uma necessidade de expressão e não de comunicação.

Tanto assim que, se eu descobrisse um dia que era a única criatura restante sobre a face da Terra, empregaria o meu longo lazer — não necessariamente a cantar a minha situação única, mas a refazer aqueles meus poemas que não me parecessem ainda ter recebido um adequado tratamento expressivo, isto é, o devido trabalho técnico, ou os que, de tão indizíveis, não me animei até agora a defrontar.

E é isto que dá um terrível sentido aos trabalhos do Poeta, uma enorme responsabilidade em face da Esfinge.

Primavera

A primavera é a estação dos risos etc. etc. Mal treme a brisa e mal palpita o lago. Mas de que brisa me hablas, Casemiro? É vento, é chuva — é isto!

Ah, pelo que vocês dizem e pelo que se vê, a primavera é apenas uma licença poética...

De um diário de viagem

Às vezes, nas grandes cidades, descobrem-se esquinas de aldeias, com um botequim honesto e sem pressa, com fregueses fixos que não necessitam fazer o costumeiro pedido.

Entrei. Tudo conferia, tanto que fui à porta espiar o céu para ver se a lua não seria também uma lua de aldeia: não havia céu, não havia lua — como acontece em todas estas babilônias.

Essa espécie de choques cronológicos — que eu, num poema desconhecido, denominei esconderijos do tempo — são como se a roupa nova da cidade estivesse aqui e ali remendada com trapos velhos.

Reentrei. Pedi algo bem forte — uma dessas metralhas que mergulham a gente em plena intemporalidade. A coisa se chamava “O Bafo da Onça”... Deu certo.

A outra mão

O adormecido que, num gesto de abandono, deixou pendida a sua mão, sentiu que debaixo da cama alguém lhe apertava calorosamente. “Calorosamente” é um modo de dizer, minha filha... Era uma mão gelada, gelada!

Lagosta à moda francesa

Aos domingos, como os meus remanescentes amigos costumam passar fora o fim de semana e como este tem por finalidade, não confessada, exatamente essa espécie de ascese que é a gente livrar-se durante um dia e meio dos amigos, fico com o dia em branco e devoro literalmente os jornais. Desde os pequenos anúncios, onde encontro coisas deliciosamente assim: “Alugam-se duas salas para senhoras bem arejadas” — até seções dedicadas ao lar. Ora, na última destas, li e reli:

“LAGOSTA À MODA FRANCESA — Ponha a lagosta, para cozinhar, num molho de escabeche bem grosso: deixe esfriar no próprio líquido em que foi cozida. Separe então a carne da lagosta, deixando intacta a carapaça da mesma. Reserve alguns pedaços mais bonitos e pique o resto para fazer um guisado. Refogue na manteiga, junte um pouco de Vinho do Porto e ligue tudo a um molho bem temperado. Recheie com essa carne a carapaça da lagosta, arrume dentro de uma fôrma, regue com um pouco mais de molho e leve ao forno para dourar, sem deixar no entanto ressecar por cima.”

Isto é de a gente ficar com água na boca... E também é de amargar! Como é que a dona de casa, que não consegue nem um democrático sirizinho, vai conseguir a imperial lagosta?

Isto não pode ser.

É verdade que há gente que pode...

Mas não são os da soçaiti nem os marginais que formam a classe média nacional, composta de honrados e suados barnabés. Dos marginais, nem é bom falar, porque isso nunca deixa de provocar na gente uma espécie de remorso de fundo coletivo... Quanto à “gente bem”, são como que o *haut fond* da sociedade, como o dizia um amigo meu, em contraposição ao *bas fond*. O que aliás não é implicar com ninguém.

Também esclareça-se que não implico com as lagostas. A lagosta é dos poucos bichos que a gente pode ver inteiros antes de deglutir. Aquela sua armadura medieval e o seu aspecto heráldico, pois deve ter nascido para animal de brasão, tal como o nobre e irreversível hipocampo, aquele seu aspecto puramente decorativo não me constrange à mesma situação de quando fui enfrentar, há dias, uma cabeça de porco assado. Meu Deus, aquele sorriso, aquela sua face, aquilo tudo tão humano me

provocou uma inibição impossível de dominar...

E, dentro dessa mesma exemplificação de sentimentalismos gastronômicos, sei de uma boa senhora que não podia comer galinhas a quem “conhecia pessoalmente”, do seu terreiro. Apenas saboreava as que provinham anonimamente do mercado público,

Pois bem, meus ricos leitores, não sou, como vistes, contra lagostas e outros acepipes: isto seria levar muito longe a solidariedade democrática...

O que acontece comigo é que — com perdão da irreverência da comparação — penso como o apóstolo São Paulo, o qual, agradecendo numa de suas epístolas o auxílio financeiro que lhe haviam mandado alguns discípulos, respondeu-lhes que aproveitaria bem o dinheiro, visto que tanto estava acostumado a passar bem como a passar mal... Ótimo! Eis aí um grande santo que era também grandemente humano.

Retrato

... aquele renomado economista, com a sua cara compenetrada de ovo choco...

Motivações

Quando eu, guri, comecei a fumar, foi para bancar o homenzinho. Mas que adiantou? Agora cigarro é vício de mulher...

A leitura interrompida

O tempo corre por entre nossos dedos como água — diz um personagem, aliás muito sábio (e ainda por cima imperial) de um livro de William Golding que estou lendo para enganar outros cuidados. Pergunto-me: por que diz ele que o tempo corre como água e não como areia? E por que não correria como o vento, que leva, sobre a areia e a água, a vantagem de ser invisível e impalpável como o próprio tempo? Essas comparações permutáveis são uma denúncia de truque poético. Não importa que o livro de Golding seja em prosa: quem faz comparações está fazendo poesia. Essa permutabilidade nota-se não raro nos versos crioulos, com as suas imagens obrigatoriamente regionais:

“Do potreiro de teus olhos
nunca mais me apartarei.”

Mas por que não da mangueira de teus olhos ou, melhor ainda, da querência de teus olhos?

Poesia, mesmo, é quando a imagem é insubstituível, como o fez Garcia Lorca, na “Ode a Walt Whitman”, ao retratar em seu verso inicial a figura do poeta:

“Viejo lindo como la nieve!”

Triste história

Há palavras que ninguém emprega. Apenas se encontram nos dicionários como velhas caducas num asilo. Às vezes uma que outra se escapa e vem luzir-se desdentadamente, em público, nalguma oração de paraninfo. Pobres velhinhas... Pobre velhinho!

Carvalhos & margaridas

Há poetas, há certos poemas radioativos. São os que, sem querer, vêm operando as transmutações, as mutações humanas. Não eram cogumelos súbitos. Agitava-os o vento shakespeariano de todas as paixões, de todos os cuidados. Não sei se ficamos melhores ou piores: ficamos mais profundos. Mas há, neste mundo, os que sofrem a vertigem das profundezas ou das alturas. Para esses, inclinam-se à beira da estrada umas florinhas silvestres que sempre estão se oferecendo: colhe-me, colhe-nos! E os poetas da planície fazem buquês com elas! Alguns até belíssimos, mas sem perigo algum. Pudera! Eram flores de retórica.

Criatividade

Desconfiar da observação direta. Um romancista de lápis em punho no meio da vida — esse atento senhor acaba fazendo apenas reportagens. É melhor esperar que a poeira baixe, que as águas resserenem: deixar tudo à deriva da memória. Porque a memória escolhe, recria. Quanto ao poeta, que nunca se lembra, inventa. E fica mais perto da verdadeira realidade.

Os nomes

Como não lhes interessa o que parece inútil, os campônios não dão importância às flores do campo. É o que parece. Mas a gente fica a perguntar-se como é que essas flores silvestres conseguiram então ter nomes populares: margaridas, amores-perfeitos, coisas assim!

Drácula e os pesquisadores

O que chateia nos filmes de vampiros não são os ditos vampiros — em geral uns verdadeiros amores no gênero — mas aqueles dois indefectíveis personagens: um que acredita em tudo e outro que não acredita em nada... Falta-lhes o espírito de disponibilidade — que talvez não seja apenas uma característica do homem moderno, e sim do homem eterno. Ou, no mínimo, do leitor inteligente.

Sonhando acordado

Releitura das *Crônicas marcianas* — excusado dizer que de Ray Bradbury — que deixam em nosso espanto um travo de tristeza e de esperança. Um livro que não passará — como tantos outros de FC, porque Bradbury, poeta que é, desdenha o laborioso cientificismo de seus colegas, logo ultrapassado, na realidade, pela técnica alucinante do *Homo sapiens*... não! do *Homo faber*. Seja como for, a demanda de sonho lúcido da parte dos leitores provocou nos países de língua inglesa essa avalanche de FC em que eu e muita gente boa somos arrastados. Mas o fato é que as obras de ficção científica são o que de melhor e pior tem produzido a literatura estadunidense de nossos dias. O que importa, afinal, é este sonho aberto a todos os problemas. E, como diria agora o meu velho amigo Hamlet, há algo de sadio no reino da Dinamarca...

Nostalgias

Há tempos escrevi este decassílabo nostálgico:

“Acabaram-se os bondes amarelos!”

Tão nostálgico que até hoje ficou sozinho esperando o resto dos companheiros.

Também, não faz muito, escrevi este outro decassílabo:

“Acabaram-se as tias solteironas...”

Talvez esses dois solitários se venham um dia a reunir num mesmo poema.

Têm ambos o mesmo ritmo. Causam ambos o mesmo nó na garganta que me impede de os continuar.

Talvez o poema já esteja pronto... e ninguém notou. Nem eu!

Porque ele próprio se completou, cada verso chorando no ombro do outro... E sem mesmo notar que eram decassílabos!

Os colecionadores

Os turistas dos discos voadores raptam, dentre nós, apenas aqueles que têm orelhas de abano — pois são ótimos para serem afixados com belos alfinetes, numa espécie de “herbário” lá deles...

As personagens

Mas que estarão cochichando, no vão daquela janela do Paço, o bispo de Cochabamba e o conde de Biancamano?

Eu deveria saber, porque eles são personagens de um conto meu, realisticamente fantástico. Mas nossas criações têm vida própria e quando pensam em nós é para nos acusarem de suas insuficiências, do desmoronamento de suas ridículas ambições.

Pensam em nós? Nem isso: desconhecem até os nossos nomes e nos chamam de Destino, Acaso, Azar, Fatalidade, Deus, o Diabo...

A porta

Quem atravessa a porta da única parede de uma casa em ruínas é como se passasse para o Outro Mundo.

Da influência dos espelhos

Tu te lembras daqueles grandes espelhos de feiticeiro que certos proprietários colocavam à entrada de seus estabelecimentos para atrair os fregueses, achatando-os, alongando-os, deformando-os nas mais estranhas configurações?

Nós, a miuçalha, achávamos uma bruta graça naquilo, bem sabíamos que era tudo ilusão, embora talvez nem conhecêssemos o sentido da palavra “ilusão”.

Não, absolutamente não éramos aquilo!

E só muitos anos depois viríamos a descobrir que, para os outros, não éramos precisamente isto que somos — mas aquilo que os outros veem...

Cuidado, incauto leitor! Há casos em que alguns acabam adaptando-se a essas imagens enganosas, despersonalizando-se, para o resto da vida, num segundo “eu”.

O eu dos outros...

Pois que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?

Mapa secreto

Na mancha do pelo das vacas o menino estuda a geografia de suas ilhas imaginárias.

Sentimentalismos

Quando uma dessas vovozinhas me exhibe umas fotografias coloridas e ainda por cima vai apontando e explicando:

— Este aqui é o meu último netinho, o outro é o mais velhinho, a do meio, seu Mario, é a que está sentada na areia — Ah, vocês nem acreditariam, mas essa é a única chateação que eu suporto com gosto.

Leitura dinâmica

Essa tão badalada novidade da leitura dinâmica é muito, muito antiga...

Quem a inventou foi o vento, o único que a sabe praticar de verdade. Inveterado leitor de tabuletas, ele não salta uma só que seja, não perde nenhuma delas. Lê e passa, que o seu destino é passar, mas guarda uma lembrança vertiginosa de todas, das vermelhas, das de azul mais forte, das verdes em todos os tons, sem esquecer, ó Van Gogh, as tabuletas amarelas...

Porque a maior dor do vento é não ser colorido.

Sabes? Perpassa no vento a alma dos pintores mortos, procurando captar, levar (para onde?) as cores deste mundo.

Que este mundo pode ser que não preste, mas é tão bom de olhar!

Associação de imagens

Esses concertistas que tocam piano dando marradas para frente e para o alto fazem lembrar os cientistas loucos e os monstros dos filmes de horror, cujo compulsório *hobby* — sabe o Diabo por quê? — é exatamente tocarem piano...

Das notas de um ecologista

Quando acabarem todos os elefantes, acabará a bondade do mundo.

Pesquisas

Andam todos os buquinistas do meu Rio Grande a procurar ansiosamente e amorosamente *A divina pastora*. O título é um encanto, promete um clima idílico, de quando o amor existia. Espero que esses incansáveis cavaleiros andantes libertem um dia a sua dama. Quanto a mim, o meu sonho é que o acaso depare, aos humanistas que ainda existem na Europa, os livros até agora perdidos do *Satyricon* de Petronius Arbiter. Indago: pois não foram encontrados, sem que ninguém os procurasse, os preciosos manuscritos do Mar Morto? Ou será que os deuses em exílio já não podem igualmente fazer milagres? O encanto que eu tenho pelo *Satyricon*, ao contrário do que vocês podem pensar, é também um sentimento de pureza. O que nos fascina naquele delicioso cronista é a ausência da noção de pecado, como se estivéssemos ainda no Paraíso.

Astronomia

Dizem os astrólogos que Saturno é taciturno. Mas só se for para rimar... Com seus multicoloridos anéis, ele é, dentre os seus pobres irmãos do sistema solar, o único planeta que faz bambolê.

Intenções

Os que andam com segundas intenções não conseguem enganar ninguém. Está na cara... O perigo mesmo — porque é invisível — está nos que têm terceiras intenções.

Adjetivações

Era uma mulher de peregrina beleza — diziam os escribas de outrora a propósito das damas superfinas que costumavam abundar nos seus romances — e nem se davam conta que só poderia tratar-se de uma cigana.

Bric-à-brac

Os pianos de cauda, as sobrecasacas, as caudas dos vestidos de noiva, tudo isso está sendo contrabandeado para o reino brumoso das lendas. Agora, nem ao menos a esperança me resta de rever o cometa de Halley, com a sua ondulante cauda de cavalo celeste — a mais bela, a mais remota recordação da minha vida.

(1954)

Monólogo do espectador

“O teatro dos acontecimentos” — eis aí uma velha expressão que significa muito mais do que parece. Será que tudo não passa mesmo de um faz de conta?

Criação às avessas

Isso da desintegração do átomo tem algo de sacrílego.

É uma espécie de Criação às avessas... E depois, rompida uma única malha, não seria de temer que se desfizesse toda a tessitura?...

Feliz coincidência

Tive um amigo, se não me engano chamava-se Fagundes, o qual, sempre que tinha queixa contra alguém, desabafava: “Tomara que morra!” — Cruzes, Fagundes! Isso é coisa que se diga?! — protestava eu. E ele: — Acha você que ele vai morrer, só por eu ter dito isso? Se ele morrer, será apenas uma feliz coincidência...

Uma espécie de corrida

Atravessar de um ano para o outro parece-nos uma espécie de corrida. Chega-se daquele jeito que bem sabemos, mas com uma careta de triunfo na face...

As máximas

Tenho à mão as *Máximas* do nosso Marquês de Maricá. Leio: “Mocidade desbragada, velhice achacosa.” Discordo e emendo: “Mocidade desbragada, velhice anedótica.” Pois os velhos que souberam estragar a mocidade, como têm coisas para contar à gente!

Quanto aos outros, são uns sujeitos tão chatos agora como deviam ter sido há cinquenta anos atrás.

Esteticamente falando

Angela Maria, desta capital, escreve-me perguntando o que é que eu penso do *newer look*, isto é, do decreto dos grandes costureiros de Paris, que houveram por bem abolir as saias compridas...

Sei que seria de bom-tom, Angela Maria, optar galantemente pela saia curta e pôr umas reticências no fim da frase... Mas não o faço, porque assim não penso, e o bom-tom não me fica bem. O fato é que, esteticamente falando, acho mais bela a saia comprida.

Também poderia alegar que não sou cronista elegante e que a última palavra no assunto deveria caber às mulheres.

Mas sei que não é assim. Basta lembrar que os grandes nomes da moda, os grandes figurinistas, são todos homens e não mulheres, tanto hoje como no passado.

As mulheres limitam-se a seguir a moda, por mais horrível que seja, e riem-se hoje da moda que elas mesmas usavam alguns anos atrás, por mais bela que fosse...

Humm! Estou sentindo que você não está gostando... Mas o que eu disse não tem a mínima importância: foi pura vingança, juro, por você me haver consultado sobre um assunto que não me fica bem.

Repito que isso da moda ser feia ou bonita é coisa que não tem mesmo importância nenhuma. Nem para as mulheres, nem para os homens. Principalmente para os homens, porque o amor é cego...

Agora sim, fui galante! Ou não fui?

Perguntas entrecruzadas

O que há de triste no restaurante é que, quando a gente começa com muita exigência, eles acabam dizendo: “Se quer tudo a seu gosto mesmo, por que não come em casa?”

E o que há de mais triste é que em casa sempre acabam alegando: “Se você quer mesmo do bom e do melhor, e na hora, por que é que não vai comer no restaurante?”

Cabeça de catavento

Bem o sabemos: tudo se interpreta num mesmíssimo segundo, mas Dona Lógica, uma senhora meticulosa e de óculos, separa e aloja tudo em cada compartimento: nada de promiscuidades. Foi ela quem inventou a gramática e as vírgulas.

Ora, um dos encantos de Gabriela consiste, por isso mesmo, na ausência de pontuação em seu pensamento, que vai fluindo e cantando como um arroio. Diz ela:

— Vi na igreja uma velha rezando parecia que estava bebendo água num pires Deus me perdoe mas por que puseste essa horrível gravata verde ainda não foste ver o último filme com o John Lennon...

Aqui uma pausa. Respiro. Gabriela suspira e diz:

— Um amor!

Zoologia

As damas ricas da Austrália têm cada uma um canguru de estimação, com quem vão fazer compras no supermercado.

Quem somos?

Todas as nossas carteiras de identidade são falsas. E a primeira curiosidade de quem morreu é saber qual é mesmo o seu verdadeiro nome.

E as coisas, o que são?

Um dos espantosos mistérios da poesia é que uma coisa só parece ela própria quando é comparada a outra coisa.

Anjo no consultório

— E quando olho para cima, doutor, me dá um bruto medo de cair no Céu...

O citadino

Um lugar só é bom quando a gente pode fugir para outro lugar.

Não compreendo esses grandes hotéis sozinhos no meio da mata, sob a alegação do clima, da natureza... A natureza é chata como um cartão-postal em tamanho natural.

Nós somos os promíscuos habitantes da cidade. A cidade é que é a nossa verdadeira natureza. Com incômodos, sim, mas muito mais variados que os da natureza propriamente dita.

E a minha volúpia que mais se aproxima da primitiva natureza é andar sem sapatos alta noite, entre o quarto e o banheiro, pelos corredores do prédio onde resido.

Das indagações metafísicas

Cuidado! as esfinges alimentam-se exclusivamente de miolos...

Natureza viva

Há trovões arrastando pesados móveis, enormes cômodos pelo céu. Há outros que trabalhar não é com eles e ficam resmungando, num desvão. Por fim atacam-se. As lâmpadas, lá-alto, queimam-se em sucessivos relâmpagos, enquanto o poeta descarrega os nervos. Até que tudo vasa e se extravasa sobre o desespero dos guarda-chuvas em fuga e a verde alegria das árvores.

Os males da perfeição

Corre entre os anjos um boato que aqui transcrevo por conta deles. Deus, cansado de ser infinitamente bom, resolve às vezes trocar de lugar com o Diabo. E, nessas épocas de interinidade, sempre sai ganhando longe do outro.

O adulto e a banana

Não há quem goste de bananas como sobremesa. Mas sim fora de horas. E, ainda por cima, têm de ser roubadas da fruteira, na sala.

Qualquer leitor não me venha agora dizer que com ele não acontece o mesmo. Acontece... para a maior alegria póstuma do bom velho Darwin, com mais esta bela prova da nossa origem macacal.

Minipaisagens

As janelinhas do trem, ao longo da estrada, vão tirando sucessivos cartões-postais da paisagem, o que sempre é melhor do que a gente ficar no meio de um vasto panorama — como uma vaca no campo.

Depravações do gosto

Empoleiro-me numa lanchonete. Peço iogurte.

— Iogurte limão?

— Não!

— Ah, tem iogurte morango.

— Mas não tem iogurte puro?

Pura é a inocência minha. Pois tudo o que preferem agora é com gosto de outra coisa e não da própria coisa. Peço uma mineral. Oferecem-me mineral limão, mineral laranja etc. Procuro uma barra de chocolate. Vejo que é “flavorizado”, como lá diz no invólucro. É quase impossível hoje em dia encontrar chocolate com gosto de chocolate, iogurte com gosto de iogurte, ou uma democracia apenas democrática.

Os meninos e as frutas

Pitangas só têm graça colhidas no mato e saboreadas na hora — se é que ainda existem matos e pitangas. E nem desconfiávamos de que aquele ardente frescor, ao serem esmagadas, era a nossa primeira volúpia.

E havia os figos que se entreabriam mostrando os seus mistérios.

E a carnação dos pêssegos, então? Não, nós não os devorávamos propriamente... Era puro, puro amor!

Das ampulhetas e das clepsidras

Antes havia os relógios d'água, antes havia os relógios de areia. O Tempo fazia parte da natureza. Agora é uma abstração — unicamente denunciada por um tic-tac mecânico, como o acionar contínuo de um gatilho numa espécie de roleta-russa. Por isso é que os antigos aceitavam mais naturalmente a morte.

Academias

Entrar para uma Academia de Letras tem algo de hipocrisia, pois o cara é logo obrigado a pronunciar, no discurso de recepção, o “elogio” de seu antecessor.

E o pior é quando ele é honesto e sente-se na obrigação de ler de fio a pavio as obras completas do falecido.

Além disso, o acadêmico comete um meio-suicídio, dedicando metade da vida a solenidades e rapapés, quando poderia empregá-la toda no silêncio e no recolhimento da criação literária.

Ler e esquecer

Montaigne queixava-se a toda hora (queixava-se ou gabava-se) da sua falta de memória. Quanto a mim, acho isso uma ótima vantagem, por motivos óbvios. E, ao reler um livro, espanta-me e diverte-me o que relembro na hora, às vezes uma simples frase, um gesto, um acidente mínimo.

Mas por que exatamente essas e não outras coisas?

Seria o caso de fazer uma autoanálise, pesquisando a natureza dessas fixações. E como, além da desmemória, a minha outra qualidade é a preguiça, deixo aqui a sugestão aos especialistas.

E continuarei sempre a ler, com a alegria de um descobrimento, o velho Machado, Tchécov, Dostoievski e outros rapazes eternamente jovens.

História literária

Não há dúvida de que, depois do relaxamento romântico, o parnasianismo foi uma boa ginástica. Deus uns belos rapazes. Mas ocos, ocos...

Mais parnasianismo

Aliás, que mal há no parnasianismo quando é feito por um Herédia, por exemplo? O mal do parnasianismo, entre nós, foram as chamadas “rimas ricas”, que por sinal são no mundo as mais pobres que existem, pois não há outras a escolher. Quando são quatro, já está pronto o soneto. Rimas ricas são as em “ada”, em “ão”, tão desprezadas pelos nossos parnasianos. Um deles, Irineu Trajano, se não nos enganamos, por amor da rima rica, escreveu o seguinte verso:

“Dos teus braços de carne entre as fulgentes roscas.”

Respondendo a Regina

De alguém que se assina “Regina”, recebo amável carta, reclamando que a poesia se está ausentando ultimamente das minhas crônicas, em proveito do lado humorístico da vida... Fiquei desapontado, Regina. Primeiro, porque pensava que andasse escrevendo coisas muito sérias, inspiradas como eram, precisamente, no lado amargo da vida... Depois, porque pensava que a poesia estivesse nas entrelinhas, como aliás acontece na vida...

Além disso, pela sua carta, quer-me parecer que não pertence ao número das pessoas que pensam que há assuntos “poéticos” e outros não, como também um estilo que possua a exclusividade de ser “poético”... E, precisamente pelo estilo de sua carta, vejo que tampouco pertence à escola literária daquela professorinha do interior que me disse um dia:

— O senhor não imagina como estamos... como “eu” estou contente com a sua visita à nossa cidade!

E, confidencialmente:

— Aqui a gente não tem com quem falar difícil...

Verso avulso

A vida não dá tempo para a Vida.

As luas

Andou fazendo nevoeiro. De noite... que lindo! Parece que estiveram passando borracha na paisagem. Apenas sobravam os lampiões. Minto! Só os focos dos lampiões sobravam, luas soltas no ar. De modo que ontem pela madrugada eu ia andando por uma noite cheia de luas. Tu nem imaginas o que é uma noite com uma porção de luas... A gente...

— Já sei! Fizeste um poema...

— Não. Caí num buraco.

O povo e a relatividade

Todas as línguas ocidentais sempre usaram a expressão “um espaço de tempo”. Que diria a isso o velho Einstein?

Há muito aprendi, à custa de autocrítica, que um poema não é uma estufa de imagens e muita vez é o poeta obrigado a sacrificar a mais bela de suas filhas pela unidade do conjunto. Em vista do que, também não seria lícito isolar uma imagem do poema a que pertence e apresentá-la sozinha no meio do palco. Contudo, não pude agora resistir à tentação. Eis aqui esta imagem que encontrei na *Lira consumível* do português Armando da Silva Carvalho e referente à mesa de trabalho do poeta:

“quadrúpede submisso
onde monto os meus versos”.

Há gente que guarda velhos papéis. Eu os perco. É o que estou dizendo: não os ponho fora: perco-os. Isso traz a vantagem de os achar de vez em quando e de os reler com um arzinho superior de sobrevivente. Num caderninho de várias décadas, encontro hoje, entre alguns criptogramas indecifráveis, anotações como a seguinte:

“O exército godo divide-se em corpos de mil homens e estes em companhias e esquadras de cem e dez, sob o comando respectivamente de um milénário, um centenário e um decano.”

Não sei de onde, nem para quê, tirei isto, e como não tenho o que fazer com isto, passo o tijolo adiante, que talvez seja de serventia a algum especializado.

Mas de repente topo com algo mais humano:

“Hoje, numa conversa ocasional, consegui pela primeira vez pronunciar o nome de Sônia com naturalidade.”

E, copiando agora estas linhas, fiquei pensando se a poesia não será exatamente isso mesmo: um timbre indisfarçável de voz.

O poeta, varado de puro amor às coisas de que fala, o faz num tom que as recria e transfigura.

Essa teoria do tom amplia em muito o âmbito da poesia, obrigando acaso a incluir nas antologias poéticas muitas das páginas de Manuel Bernardes.

Mas, generalizando, poder-se-ia dizer que o estilo é a voz.

E vem providencialmente em meu apoio uma carta que acabo de receber do Erico Verissimo e na qual o nosso Tibicuera confessa nada menos que o seguinte:

“Há autores de cuja prosa a gente tem saudade. De vez em quando volto ao Eça, para escutar a voz dele.”

Confere.

ERRATA — Linhas acima, comecei referindo-me a velhos papéis. Não é bem assim: os papéis, a julgar pelo que geralmente diziam, eram novos, novíssimos... O velho era eu!

E o Diabo se diverte

A gente não se converte. A gente se reverte. E o Diabo se diverte.

Fumar ou não fumar

Proibiam-nos fumar quando meninos, o que, como todos nós sabemos, não adiantava nada... Antes pelo contrário!

E, apesar de toda a campanha que atualmente se tem feito contra os malefícios do fumo, até hoje experimentamos o benéfico efeito do primeiro cigarro, da primeira solene tragada, da primeira e triunfal baforada. Porque — como um reflexo daqueles nossos inquietos e felizes anos de tabus e transgressões — ainda agora a gente se sente mais homem de cada vez que acende um cigarro...

Cada cigarro é como o primeiro cigarro.

Ora, na insegurança do mundo atual, eis aí a grande, a inegável vantagem de uma bela tragada de vez em quando...

Disto bem sabem o psiquiatra e o delegado. Senão, por que é que oferecem um cigarro ao paciente ou criminoso quando querem colocá-lo à vontade?

Entre parênteses, isso de darem cigarros nos interrogatórios policiais, só tenho visto no cinema ou em novelas do gênero, mas não tira a intenção e efeito do ato, absolutamente, o simples ato de suceder no domínio da ficção.

E, depois, se já existe, neste mundo cão, a Cortina de Ferro e a Cortina de Bambu, por que não erguemos também, para uso íntimo e particular, uma intransponível Cortina de Fumaça?

Esporte

O único esporte que pratico é a luta livre com o meu Anjo da Guarda.

Prosa de bar

— Parar na penúltima gota, aí está a verdadeira sabedoria — disse eu.

— O difícil — disse o outro — é saber quando se está na penúltima...

Aí é que está a questão.

Muitos usam o processo de recitar aquele famoso quarteto:

“Num ninho de mafagafos

Seis mafagafinhos há.

Quem os desmafagafizar

Bom desmafagafizador será.”

Experimente o leitor. Se não o puder dizer é que está bêbado a dar com um pau. Uns versinhos tão fáceis.

Mas há outros processos. Meu amigo João Sabiá parava quando a senhora do botequineiro, que atendia ao balcão, começava a ficar parecida com a Ingrid Bergman...

— Mas é a Ingrid mesmo! — assegurou o outro.

Ora, dirá o leitor, a verdadeira sabedoria está em não começar.

— Mas meu sábio amigo, quem não bebe, não fuma, não joga no bicho, nem nada... Isso não é vida de cristão, como dizem os gaúchos.

Sim, porque afinal a verdadeira virtude está no sincero e difícil arrependimento e não na inocência boboca.

Há meses, em um natural desejo de fugir a estes nossos terríveis tempos, e estando muito abalado (o que deve ter acontecido a todo bom brasileiro, salvo especialíssimas exceções) com as terríveis contingências que levaram o nosso presidente ao suicídio, e não podendo dormir, resolvi pegar um livro que eu considerava um remédio batatal para a insônia: as *Memórias de Saint-Simon*. Fatal engano. Julgava eu que fosse uma leitura antes de tudo entorpecente, pois seu autor era um aristocrata e viveu sempre na Corte do fabuloso *Roi Soleil*, Luís XIV, com perdão da explicação. Ora, sendo assim, julgava este vosso escriba que fosse ele um artificial, a falar sobre artificiosos. Supremo engano. É verdade que o homem é terrivelmente maldizente, mas, ao mesmo tempo, terrivelmente arguto. E sucede que eu, querendo descansar da época atual, aconteceu-me exatamente o contrário.

Fui exatamente ler a narrativa da agonia e morte de Luís XIV, achando que seria uma coisa ótima para dormir como um bem-aventurado. Pensava que se tratasse de uma sociedade humana em tudo diferente da nossa...

Nada disso, meu pobre leitor, o que aconteceu foi que, quando os médicos o desenganaram e ele próprio se desenganou, todos os satélites do Rei-Sol o abandonaram e passaram para a casa do que seria o regente do Reino durante a minoridade do futuro Luís XV, o duque de Orleans, honrosamente aparentado conosco, mercê da casa reinante de Orleans e Bragança, nos saudosos tempos do Império.

Pois bem, estava eu lendo como uma coisa sedativa, ou quando muito divertida (Deus me perdoe), a morte de Luís XIV, quando topei com isto: quando o rei se achava agonizante, desengano, perdido, todo o mundo o abandonou e passou a frequentar a casa do Duque.

Ora, basta ler os jornais que se seguiram àquela trágica madrugada de 24 de agosto e ver-se-á simplesmente o seguinte:

Quando o nosso presidente, já disposto a matar-se, fez um formal pedido de licença, apenas para impedir que seus amigos mais chegados evitassem seu supremo gesto, quando isso aconteceu, noticiaram os jornais cariocas que todos, abandonando-o, se transferiram para a casa do sr. Café Filho. Desde então ficou este sabendo que não era café pequeno.

Considerando, pois, que as condições sociais podem mudar, mas que o homem é sempre o mesmo, falei a esse respeito com um meu colega e amigo, o Oswaldo Goidanich, e saiu-se ele com esta:

— Olha, major (não sei por que me chama ele de major: deve ser uma mania tão inocente como outra qualquer) olha, major, a leitura da história antiga nos consola das cretinices do presente.

De pleno acordo. Mas quando virá o Juízo Final?

(13 de novembro de 1954)

O diabo na tipografia

Fazendo o outro dia um rasga-rasga em regra na minha papelada (pois nunca se sabe o que pode acontecer e não convém deixar nada de comprometedor que vá cair às mãos de meus herdeiros ou do João Condé), topei com uma carta que não remeti ao Alvaro Moreyra e da qual transcrevo aqui alguns trechos, não porque sejam de interesse universal, mas sim porque todo o mundo muito humanamente gosta de bisbilhotar a correspondência alheia. Leiam, pois:

“Meu caro Alvinho etc. etc. Estou louco de vergonha. Sabia por experiência própria que não há vergonha que dure mais de três dias, mas como já lá se vão sete e a minha ainda não passou, estou que não posso. Bem, o melhor é entrar de supetão no assunto. Vi transcrito no *Para Todos* um dos meus últimos Cadernos, no próprio local reservado à tua crônica e com uma nota da redação dando a entender que eu ali estava eventualmente para substituir-te!

“Mas a minha vergonha, é claro, não vem disto. Minha vergonha vem do que saiu em vez do que escrevi, a começar pelo subtítulo. Pois como às vezes costumo escrever crônicas à maneira que em boa hora inauguraste no Brasil (nada de conversa fiada, mas uma espécie de *mixed pickles* para todos os gostos) e como Nietzsche também escrevia por pedacinhos, tinha eu modestamente crismado aos meus pickles daquele dia: ‘Assim Não Falou Zaratustra’, e saiu ‘Assim Falou Zaratustra’, o que não me fica bem...

“Mais adiante eu definia Proust como ‘um verme intestinal de gênio’, e saiu ‘um verme intestinal do gênio’, o que me fez dizer uma besteira incompreensível, quando eu sempre fiz questão de escrever besteiras compreensíveis...

“Depois, em vez do ‘xifópago’ que eu escrevera, topei com um ‘xipófago’... ‘xipófago’, meu Deus... Esse é um erro tão elementar! E eu que não cometo erros elementares... Os meus erros são coisa muito outra... São erros muito mais eruditos, como todos já devem ter notado.

“E quando, em meio a outras reflexões mais ou menos ponderadas, por *délaissement*, para me divertir à custa dos meninos sérios que tu sabes, escrevi que o ‘O’ é uma letra bocó, li que o bocó era o ‘T’, porque era uma letra militar, isto é... Que diabo! a confusão é tanta que até eu estou me enredando nestas maltraçadas linhas... Esclareçamos de uma vez por todas. Eu escrevi:

— O ‘O’ é uma letra bocó: está sempre de boca aberta, se espantando de tudo.

E também:

— O ‘T’ é uma letra militar: está sempre em posição de sentido.

“E foi publicado:

— O ‘O’ é uma letra militar: está sempre de boca aberta etc.

“Não, Alvinho esta é demais! Tu bem sabes que eu sempre fui grande admirador da classe militar. A começar pelo primeiro deles, o Arcanjo Gabriel, que nos expulsou do Paraíso... até o marechal Deodoro, que proclamou esta República.”

Compensação

Lembro que certa vez me encontrei com seu Zé na rua. Como bons gaúchos, paramos, relinchamo-nos, abraçamo-nos:

— Há quanto tempo!

— O senhor está morando agora aqui na minha zona, seu Zé?

— Sim, na rua Castro Alves.

— Ah! — observei — esta é uma zona de poetas. Há também a rua Casemiro de Abreu...

Seu Zé, aprovativamente, abre um amplo sorriso com um dente sim outro não:

— E tem também o tal de Vasco da Gama!

— Quer dizer que, de todas as andanças do grande navegador, apenas sobrou, na memória do povo, o seu nome. E sobrou como poeta.

Pois não é isso uma grande e significativa compensação, um consolo? Não sei se para Vasco da Gama o será... Mas para os poetas, é.

Cortar

Cortar, cortar sempre, meu único processo. E qualquer dia destes publico mais uma edição de minhas obras com a indicação seguinte: NOVA EDIÇÃO, CORRETA E DIMINUÍDA.

O leitor ideal

O leitor ideal para o cronista seria aquele a quem bastasse uma frase.

Uma frase? Que digo? Uma palavra!

O cronista escolheria a palavra do dia: “Árvore”, por exemplo, ou “Menina”.

Escreveria essa palavra bem no meio da página, com espaço em branco para todos os lados, como um campo aberto aos devaneios do leitor.

Imaginem só uma meninazinha solta no meio da página.

Sem mais nada.

Até sem nome.

Sem cor de vestido nem de olhos.

Sem se saber para onde ia...

Que mundo de sugestões e de poesia para o leitor!

E que cúmulo de arte a crônica! Pois bem sabeis que arte é sugestão...

E se o leitor nada conseguisse tirar dessa obra-prima, poderia o autor alegar, cavilosamente, que a culpa não era do cronista.

Mas nem tudo estaria perdido para esse hipotético leitor fracassado, porque ele teria sempre à sua disposição, na página, um considerável espaço em branco para tomar os seus apontamentos, fazer os seus cálculos ou a sua fezinha...

Em todo caso, eu lhe dou de presente, hoje, a palavra “Ventania”. Serve?

Simenon, assassino

Ultimamente, um jornalista francês com bossa e faro de detetive, considerando:

— que até o ano de 1930, haviam desaparecido misteriosamente seis escritores de língua francesa, a saber: Christian Brulls, Jean du Perry, Georges-Martin-Georges, Georges d'Isly, Jacques Dersonne e Luc Dorsan;

— que os desaparecidos eram jovens romancistas cheios de futuro e todos eles extraordinariamente fecundos;

— que foi exatamente por essa época que começou a aparecer nas letras o nome de Georges Simenon;

— que até então jamais se havia lido coisa alguma com a assinatura do supracitado indivíduo;

— que o mesmo indivíduo, trabalhando apenas três horas por dia, publica um volume por mês;

— considerando, em suma, tudo isso, o referido jornalista-detetive acusa o famoso romancista Georges Simenon de haver cometido seis “crimes perfeitos” assassinando os ditos escritores para se apoderar de suas obras inéditas, sendo que as suas três horas de “trabalho” diário são empregadas unicamente em copiar os originais de suas desgraçadas vítimas, e limitando-se o hábil e impune criminoso a fazer uma que outra alteração nos textos, a fim de lhes dar certa unidade de estilo.

Acrescenta o jornalista que, apesar de as autoridades competentes não terem até agora suspeitado de coisa alguma, não deixa o sr. Georges Simenon de revelar uma inquietação bastante suspeita, tanto assim que, nestes últimos anos, já mudou vinte e seis vezes de domicílio, em diferentes países, achando-se agora nos Estados Unidos!

Mas, para que alguma leitora não fique alarmada, apressamo-nos em esclarecer que se trata de uma blague e que as supostas vítimas não passam de pseudônimos antigamente usados por Georges Simenon, o qual teve ainda uma sétima e última encarnação: “Georges Sim”, que o acusador se absteve de citar, evidentemente por ser este um pseudônimo de calva à mostra, por assim dizer...

Rapidíssimo encontro com João Sabiá

— E como te sentes com o estado de sítio? — perguntei-lhe.

— Não estranhei nada. Sempre vivi em estado de sítio. Sitiado pelo mundo, pela vida, pelos anjos bons e maus, pelos parentes, pelos amigos e inimigos, pelos mortos, pelos cadáveres... Olha! Lá vem um... Adeus!

Dos tapumes

Uma coisa que nos faz duvidar do progresso do espírito humano é que, tantos séculos depois que os chineses construíram a Grande Muralha, os russos acharam uma iniciativa formidável erguer aquele murinho de Berlim.

Passarela

Um desfile de manequins, neste nosso desidratado século, lembra-nos graciosas figurilhas feitas com paus de fósforos.

Sentimentalismo

O sentimentalismo tem alguma coisa que o salva — o ridículo, que lhe é inerente e lhe empresta um irresistível toque de humor.

Costumamos, por exemplo, acusar Camilo Castelo Branco de sentimeloso. Mas cuidado, muito cuidado com esse velho demônio! Será que ele não fazia tudo de propósito?

A própria linguagem um tanto arcaica ajudava o seu intento — essa linguagem que dá aos clássicos um sal que eles não tinham no seu tempo e faz com que os leiamos agora com um meio sorriso deferente.

E o nosso querido Machado de Assis, não seria exatamente por isso mesmo que ele escrevia tão clássico?

Parece que principiei com um assunto e terminei com outro. Não muito... Em tais matérias, é tudo o mesmo assunto.

Do temor de Deus

... mas não é ao Diabo que deveríamos temer?

Do temor da morte

Tu estás vivo... e basta! A única morte possível é não ter nascido.

Fantasia & realidade

As crianças não brincam de brincar. Brincam de verdade. Assim as fantasias do poeta, que não o são no sentido que lhe atribuem os burgueses e os intelectuais materialistas. Um dia numa dessas pesquisas que às vezes elas fazem, me perguntou uma pequena colegial se os Anjos existiam. Respondi-lhe que, em vista da frequência com que costumavam aparecer em meus poemas, deviam mesmo existir. Depois fiquei a pensar se a minha resposta não seria mais profunda do que parecia... Pois nisto de criação literária cumpre não esquecer — guardada a infinita distância — que o mundo também foi criado por palavras.

Mas

Mas essa história de intelectuais materialistas não é uma contradição em termos, ou, para ser mais claro, intelectual e materialista não são dessas palavras que *hurlent de se trouver ensemble*?

Monotonia

O que mais nos aborrece nos grandes circos é o excesso de milagres.

Interrupção

Esteve há pouco tempo tomando o meu tempo (e eu o dele) alguém que me queria inscrever numa companhia de turismo: concorria eu com o meu tanto mensal, que me seria devolvido quando me dispusesse a correr o mundo.

Respondi-lhe que o meu ideal é não sair jamais da minha rua.

E por que não da minha quadra? Do meu quarto? Da minha cama? De mim?

Minto: isto de não sair de si não é ideal nenhum, mas uma contingência e, para certas pessoas, uma verdadeira estopada...

O que eu devia ter dito, mesmo, ao agente de turismo, é que não gosto que procurem convencer-me de coisa nenhuma: única boa qualidade que ainda conservo da remota infância.

Falando no Diabo...

Uma das contingências mais não sei o quê da condição humana atual é que ninguém acredita no Diabo hoje, o qual é, quando muito, uma pitoresca personagem folclórica... E sucede que a primeira condição para nos apegarmos à infinita misericórdia de Deus seria o medo à maldade infinita do Diabo...

Sabedoria

Ele abriu uma tenda, ou balcão, ou *stand*, ou mais propriamente uma porta (jornais, cigarros, pentes, espelinhos, fósforos etc.) e, como fosse chinês e velho, e obviamente não da Nova China, resolveu chamá-lo de Mister Wong, por motivos que certos leitores não ignoram...

— Como está o senhor, Mister Wong?

— Bom. Sereno.

E na manhã seguinte:

— Bom dia, Mister Wong, como vai passando?

— Tranquilo. Sem nuvens.

Ótimo! Ótimo — pensei comigo, não sem uma ponta de inveja. — Ele deve ser mesmo aquele Mister Wong...

Excusado dizer que virei seu freguês.

Mas dali a alguns dias:

— Como vai, Mister Wong?

— Instável. Com nebulosidade.

E como eu lhe lançasse um olhar em que decerto se lia, após o inicial espanto, um natural sentimento de amiga compreensão e comovida afinidade, ele apressou-se a tranquilizar-me, esclarecendo:

— Com tendência a melhorar no fim do período.

Ah!

Só então compreendi que Mr. Wong me dava sempre o boletim meteorológico do dia...

A fórmula mágica

Sei que, com esta, muita gente vai me julgar burro, mas sou um burro sincero. E se, devido às contingências de meu estado, não tenho atribuições para zurrar a verdade, sinto-me na obrigação de comunicar aos “meus” leitores a “minha” honesta verdade.

Comunico portanto que, independentemente do seu sentido lógico (que pode estar até brilhando pela ausência), o verso é, antes de tudo, uma fórmula mágica.

Um poeta vale, feiticeiramente, pelo seu poder encantatório.

E o que mais me penaliza e irrita é quando o crítico X se põe a pontificar que o poeta Y deve ser isto e não aquilo, que deve estar do lado de lá e não do lado de cá, ou vice-versa, que o seu temário tem de obedecer a determinado roteiro, que não pode fugir à vivência (ou outro palavroide) do tempo (de que tempo me hablas?) e onde é que vamos parar com esse bestialógico? Mas quem está com a palavra não é o autor? O autor que fale por si.

Pobre do poeta! Escreve para dar satisfação, simplesmente... e querem obrigá-lo a dar satisfações!

O imagista

Arte participante? Nem a dos cartazes! A beleza de um cartaz independe do que anuncia.

A vida não passa de um livro de figuras, para o verdadeiro artista.

E até na poesia (que muitos julgam apenas um desfrute sentimental e outros um jogo do intelecto), até na poesia, se lhe tiram as imagens — que é que sobra? Não sobra nem a alma!

Caso de consciência

Há um verdadeiro caso de consciência para os tradutores de Shakespeare: nos tempos da primeira Elizabeth usavam naturalmente, sem malícia alguma, tanto na taverna como na corte, certas palavras, certas expressões, hoje consideradas “nomes feios”. Deve o tradutor vertê-las tais quais? Talvez não. Pois seria falsear o espírito da cena emprestar-lhe atualmente uma grosseria que não possuía naquela grande época.

Autor aconselha autor

Cair no agrado público é um feliz acidente. Mas pode trazer esta consequência infeliz: a preocupação de não desagradar, e isso leva o autor a repetir-se, o que é mortal, porque a pior imitação é a imitação de si mesmo... Ou, pressentindo o perigo, mascara-se num desses poetas novidadeiros, sempre atrás das modas literárias, sem lembrar que as coisas mais velhas deste mundo são exatamente os figurinos do ano passado... Não importa que a crítica especializada chame a isso “renovar-se”. Mas, que há de fazer o autor perante o público? Não ligue. Ignore-o. Finja que está sozinho. Fique sozinho, de fato. O público não gosta de ninguém que esteja “representando”, mas sim de alguém que ele julga surpreender na sua verdadeira intimidade. O homem é o bicho que espia o homem. (Não me venha agora o leitor insinuar que o homem é o bicho que espia a mulher... É claro que estou me referindo à espécie; e depois, essas imaturas maliciazinhas eróticas, é coisa que não se usa desde os tempos do Conselheiro X.X., a não ser entre os locutores dos jornais cinematográficos.) Mas onde é que estava eu? Ah! seja você o seu público, o seu único público, abstraia do outro... Se conseguir isso, coragem! Porque é preciso não ter vaidade nenhuma — mas muito orgulho — para satisfazer o mais exigente dos públicos.

Dos nomes feios

Conta-se que certa vez João Ribeiro, na sua curiosidade de gramático, perguntou ao embaixador do Reino Unido como se diziam, em inglês, tais e tais “nomes”. Respondeu-lhe o digno representante de Sua Majestade Britânica: “Não se dizem.”

A velha surpresa

Quando, ao café da manhã, lemos a notícia do súbito falecimento de algum amigo ou simples conhecido, ainda sentimos aquele mesmo espanto do homem que primeiro palpou, sem nada compreender, o corpo frio do primeiro morto.

Tanto assim que logo nos escapa uma exclamação estúpida, comovente, legítima:

“Mas como! Ainda anteontem eu conversei com ele...”

Sim, a velha, a eterna surpresa...

Porque mesmo depois que nada mais nos espanta neste mundo, resta-nos ainda uma aventura inédita: a morte.

... mas eis que havia, no fundo daquele quase infindável corredor de meu sonho, uma porta com a seguinte placa: BATA SEM ENTRAR. É sempre assim, pensei, o mistério só existe do outro lado das portas. Minto. O mistério está mesmo é do lado de cá. Para que procurar o outro mundo, se o nosso já é tão incompreensível como ele?

Incompreensível mas evidente. Como qualquer milagre. Como qualquer revelação.

Dos males da erudição

Quando da morte de Getúlio Vargas, citei no Caderno H — aliás muito a propósito — não me lembro agora de que frase de Saint-Simon. É claro que jamais li os dezessete ou trinta e um tomos de suas *Memórias*, mas sim o único volume de uma coletânea das mesmas, numa daquelas nossas saudosas edições francesas de capa amarela. Ora pois, mal saí à rua, no dia seguinte, topo o Joca Barbosa, que vai logo exclamando:

— Ah! então foste tu que ficaste com o meu Saint-Simon?!

Das despedidas

O mais doloroso das despedidas é quando — tanto o que vai seguir como o que vai ficar — põem-se os dois a pensar ao mesmo tempo: — Meu Deus, mas quando é que parte o raio deste trem?

O carro fantasma

Dizem que não existem mais carros puxados a cavalo. Sim, mas esse que passa, sempre de noite... A que horas? Nunca o sabes: quando um relógio bate — bate sempre a meia-hora. Uma pancada única. Lá fora, os cascos chispam estrelas. (Isto, sabes.) Uma pancada única... a última pancada de um coração!

Maratona

O alemão Heinz Hartz foi vencido, numa maratona ao piano, pelo francês Robert Sergiel, que conseguiu tocar 256 horas seguidas.

— Que pensam eles da música? — dirá o leitor contristado. — Com que expressão poderão ter tocado? Para que precisavam de piano? Se a coisa era de resistência, para que música? Para que piano, então? Bastava tamborilarem em qualquer coisa, no coco um do outro, por exemplo.

A mesma triste reflexão me ocorre ante a febril atividade de certos poetas:

— Que pensam eles da poesia?

Seria preciso ter havido muita depuração sentimental (no bom sentido), muita experiência sensitiva para que um poeta comum pudesse escrever algo parecido com um poema. Rainer Maria Rilke escreveu uma página muito bela a esse respeito, cujo defeito é ser por demais bem escrita. E exagerada. Mas não deixa de ter toda a razão.

É verdade que há, em toda a literatura mundial, casos excepcionais. Citemos, entre nós, um Álvares de Azevedo, um Castro Alves... (Mas estes próprios — não fomos nós que o dissemos a primeira vez — têm muito detrito...) Foi por isso que nos referimos a poeta comum.

Aguda observação do leitor:

— Não há nenhum poeta que se julgue comum...

— Quer dizer que não há remédio, então?

— Há, sim, é não os ler.

Eu me refiro é ao remédio “para eles”.

— Não há.

— Há. É não deixarem de escrever.

— ...

— Até que um dia... com a experiência técnica... com a experiência da vida... até que um dia... quem sabe?

De puro amor

Isto de escrever versos de amor é das coisas mais difíceis que há. Impossível não descambar para o lugar-comum. *Je dis des mots toujours les mêmes...* confessa o próprio autor de *Toi et moi*.

E depois, meu Deus, acontece sempre uma senhora que pergunta pra gente:

— Quem é ela?

Claro que não é ninguém. A não ser os poetas de arrabalde não há quem faça versos para “ela”. Existe a contínua disponibilidade de amor, é claro, e aparecem umas que outras “elas” que ocasionalmente se grudam nesse sentimento do poeta como em papel pega-moscas.

E acontece que o poeta faz um dia um poema. Para quem? Para ninguém e para todas.

E desconfio muito de que, no geral das vezes, sucede como naquela peça de Lope de Vega, em que um protagonista pergunta a outro:

— Por quem choras?

— Por ninguém. Eu choro de puro amor.

No ano passado...

Já repararam como é bom dizer “o ano passado”? É como quem tivesse atravessado um rio, deixando tudo na outra margem... Tudo, sim, tudo mesmo! Porque, embora nesse “tudo” se incluíam algumas ilusões, a alma está leve, livre, numa extraordinária sensação de alívio, como só se poderiam sentir as almas desencarnadas. Mas no ano passado, como eu ia dizendo, ou mais precisamente, no último dia do ano passado deparei com um despacho da *Associated Press* em que, depois de anunciado como se comemoraria nos diversos países da Europa a chegada do Ano-Novo, informava-se o seguinte, que bem merece um parágrafo à parte:

“Na Itália, quando soarem os sinos à meia-noite, todo mundo atirárá pelas janelas as panelas velhas e os vasos rachados.”

Ótimo! O meu ímpeto, modesto mas sincero, foi atirar-me eu próprio pela janela, tendo apenas no bolso, à guisa de explicação para as autoridades, um recorte do referido despacho. Mas seria levar muito longe uma simples metáfora, aliás praticamente irrealizável, porque resido num andar térreo. E, por outro lado, metáforas a gente não faz para a Polícia, que só quer saber de coisas concretas. Metáforas são para aproveitar em versos...

Atirei-me, pois, metaforicamente, pela janela do tricentésimo-sexagésimo-quinto andar do ano passado.

Morri? Não. Ressuscitei. Que isto da passagem de um ano para outro é um corriqueiro fenómeno de morte e ressurreição — morte do ano velho e sua ressurreição como ano novo, morte da nossa vida velha para uma vida nova. Por essas e por outras coisas é que, nestas calçadas claras do ano bom:

Rechinam meus sapatos rua em fora.

Tão leve estou que já nem sombra tenho

E há tantos anos de tão longe venho

Que nem me lembro de mais nada agora!

Tinha um surrão todo de penas cheio

Um peso enorme para carregar!

Porém as penas, quando o vento veio,

Penas que eram... esvoaçaram no ar...

Todo de Deus me iluminei então,

Que os Doutores Sutis se escandalizem:

“Como é possível sem doutrinação?!”

Mas entendem-me o Céu e as criancinhas.

E ao ver-me assim, num poste as andorinhas:

“Olha! É o Idiota desta Aldeia!” dizem...

Com espanto

Leio, com espanto, que uma senhora granfa, em depoimento contra o marido, afirma que este costumava conviver com poetas...

Poesia

Impossível qualquer explicação: ou a gente aceita à primeira vista, ou não aceitará nunca: a poesia é o mistério evidente. Ela é óbvia, mas não é chata como um axioma. E, embora evidente, traz sempre um imprevisível, uma surpresa, um descobrimento.

Robô

Sempre desconfiei desta nossa maquininha de pensar: é tão automático o raciocínio, minha filha, tão automático que acho muito prudente não explicar mais nada a respeito dele.

Até quando?

E eis que, pela vigésima nona vez, uma outra senhora gorda me diz:

— Mas aquele seu poema não tem rima nem nada!

Note-se que a frase, já clássica nos anais da minha indignação, não se limita a denunciar “não tem rima” mas ainda acrescenta “nem nada”. Tornou-se, pois, uma expressão idiomática, tão arraigada está no bestunto das gentes. Excusado responder-lhes que gregos e romanos — de cuja cultura descendemos a trancos e barrancos — passaram muito bem sem as rimas durante uns milênios. Excusado responder-lhes isso, porque, nas poucas vezes em que o fiz, elas não desmaiaram não, mas o que quase me matou foi o seu ar atônito, que logo passava do espanto a um sorriso de incredulidade.

Mas não exageremos

La rime, faux bijou d'un sou... Não me lembro o resto, de momento, mas os que os leram devem ter notado o efeito que o Poeta tira das rimas nos seus versos contra a rima.

E, no final de contas, por que ser contra ela! Uma associação de rimas é tão legítima como uma associação de ideias e, quantas vezes, imprevista — coisa rara de acontecer com as associações de ideias. E uma rima jamais prejudicou um verdadeiro poeta. As rimas até servem de anzóis de insuspeitadas imagens e, nesta pesca milagrosa, tudo depende da maior ou menor riqueza de nosso rio interior.

Colette

Só vim a conhecer Colette quando ela já estava nos seus 81 anos, e ainda escrevendo, depois de uma vida bem vivida e bem contada... Principalmente bem contada: esta novela sua que estou lendo, *La vagabonde* — e toda a sua obra, ao que dizem — é autobiográfica...

Mas o que é que não é autobiográfico? Até uma tela... Entre nós, quantos pintores já não se pintaram, pensando que estavam pintando a ponte do riacho?

Colette, em vez de pintar-se, vai retirando toda a maquilagem diante da gente... E é tão íntima, na revelação da sua feminilidade, que, a páginas tantas, tive a impressão de haver entrado onde não devia e quase fechei o livro como quem fecha precipitadamente uma porta:

— Desculpe, madame, errei de quarto...

Temor

A única coisa que eu temo na morte são os necrológios — ah, esses adjetivos dos necrológios!

Sala de espera

Há criaturas que não vivem: apenas estão fazendo horas para morrer.

Os excitantes e a imaginação

Antes era a ponta do pé, nos primeiros tempos do romantismo; depois, os braços, de que o velho Machado não tirava os olhos. Agora, que está tudo à mostra, ninguém nota. O mesmo se dá com a literatura, onde tudo se nomeia e nada se diz. E como a imaginação é que excita e, faltando ela, tudo falta, veio o pulo, o barulho, o berro, para substituir a dança, a música, o canto. Em todo o caso, é de esperar que não se esteja regredindo. Apenas uma pausa. Talvez mais necessária sonoterapia na arte de sentir e de expressar-se.

O indizível

Houve um tempo, mais ou menos de 1900 a 1920 (*La Belle Époque*), em que os poetas exprimiam satisfatoriamente o Indizível em belos sonetos que intitulavam “Inania Verba”. As revistas publicavam... Os jornais do interior reproduziam... Os poetas adolescentes e inéditos recortavam... E o Indizível abanava indizivelmente a cabeça e ia visitar de noite os sonetistas adormecidos. E gritava-lhes, nos ouvidos atônitos, com uma voz de mascarado:

— Vacê mi cunhece?

Sábado passado

Sábado passado vinha eu de bonde para o centro, com o nariz profundamente mergulhado na leitura do jornal por medo de ter de ceder o lugar a alguma dama conhecida que acaso embarcasse, visto que o molejamento destas minhas juntas infelizmente não se coaduna com o meu cavalheirismo...

Pois bem, vinha eu comodamente sentado, a ler o suplemento literário dos sábados do *Correio do Povo*, embora não me atreva a dizer que me achasse no mesmo estado de espírito que descreve O. K. Chesterton quando confessa em uma de suas colaborações para *The Daily News*: “Ontem à tarde ia eu num ‘cab’ por uma das ruas em ladeira que conduzem ao Strand lendo um de meus admiráveis artigos com prazer ininterrupto e ainda mais ininterrupta surpresa, quando...” etc.

Mas surpresa, essa eu a tive... e que surpresa, meu pobre leitor! Eis que de repente vejo atribuída a Diderot a autoria das *Reflexões sobre a grandeza e decadência dos romanos*. Meu primeiro ímpeto, tal a incredibilidade do caso, foi de revolta contra os meus queridos colegas da revisão. Mas era evidente que os rapazes nada tinham a ver com a coisa, embora a revisão tenha as costas largas... Pois como poderiam eles ter trocado Montesquieu por Diderot?! Ainda se fosse por Montecchio, o sogro de Julieta, ou por Montezuma, o desgraçado príncipe asteca... vá lá! Não, a culpa era única e exclusivamente do autor.

Tão estarrecido fiquei que, ao descer do bonde, não fui, como habitualmente, ao café do seu Moreira, onde todos os garçons e copeiras me conhecem e são leitores assíduos da minha seção, e não há copeira que não saiba que as *Reflexões sobre a grandeza e decadência dos romanos* foram escritas por Montesquieu. Resolvi então dirigir-me à Volta do Mercado, cujos garçons, como é sabido, só leem as crônicas do Reynaldo Moura: lá, sim, poderia entregar-me às delícias do anonimato e da impunidade...

A meio caminho porém, topo com o meu amigo José Matias, o tal que acha a música muito comprida (vide Caderno H de 12 de abril de 1987). Respirei, aliviado, pois José Matias nunca lê o que escrevo, “por ser meu amigo”, explica ele. Ficamos a conversar na esquina sobre uma coisa e outra, até que lá pelas tantas não pude mais e confessei-lhe minha desgraça, para desabafar.

— Ora! — sorriu José Matias, com essa admirável serenidade com que a gente considera as inquietudes alheias. — Isso acontece nas melhores famílias. Eu, por exemplo...

— Mas não é só isso, José Matias. A coisa parece que vai se agravando. Sempre que vou citar Lope de Vega fico desconfiado de que talvez se trate de Calderón de la Barca...

— Isso não é nada. Eu, cá, como vês, nunca sei qual é a rua da Varzinha e qual é a rua do Arvoredo... E o pior de tudo é que a Prefeitura também não sabe. Tanto assim que pôs nessas ruas umas placas com outros nomes muito diferentes...

— Mas...

— Desculpa, aí vem o meu bonde... Adeus, Mário Fontana! — despediu-se José Matias.

E tomou um bonde errado.

Ah, vida...

Há coisas que só depois é que começam a doer... Passemos por alto exemplos sentimentosos, que isso não é leitura para velhotas... Mas *La strada* — lembram-se? Na ocasião uma história simples e brutal, de uma singeleza atroz. Mas pouco a pouco a gente vai lhe descobrindo símbolos ocultos, visto que toda verdadeira obra de arte é simbólica, não importando a sua individualidade, ou por isso mesmo...

La strada agora, para mim, é a história da incomunicabilidade das almas, da sua irredutível solidão... E quantas vezes já não surpreendi minha alma a fazer os trejeitos tocantes e ridículos de Gelsomina... Palhaça! Gelsomina é a alma humana na sua incapacidade de fazer-se amar, com toda a sua disponibilidade inútil ante a bruteza da vida. E a única criatura com quem Gelsomina conseguiu entender-se (aliás um trágico entendimento) foi com o Louco, isto é, com a Poesia...

Trecho de um diálogo sob as arcadas

— Mas como é que o Menino Jesus pode ter aparecido a Santa Teresinha? A Santo Antônio? — perguntou o jovem.

— Mas por que não? — retrucou o velho.

— Mas será que Santo Antônio e Santa Teresinha dedicaram a eternidade deles a servir de pajens para o Menino Jesus?

— Mas não é o que mais desejariam na outra vida?

— Mas então o Menino Jesus não cresceu? Não se transformou, com o tempo, em Jesus Cristo?

— Mas claro que sim!

— Mas não compreendo. Perdão, até me ocorre aquela história que o irmão Giovanni repete todos os anos na aula de filosofia... Estava num museu uma caveira... Alguém perguntou de quem. O guarda respondeu que de Alexandre. E a outra menorzinha, ao lado? Ah, essa, disse o guarda, essa é também de Alexandre quando criança.

— Mas eu não te perdoo. E assim que queres tomar ordens? Vou já denunciar-te ao superior.

— Mas dê-me explicações antes. O senhor afinal não é meu diretor?

— Mas há coisas para compreender, a geometria, por exemplo, e coisas para sentir: a oração, a madrugada... Pois bem, não confessaste o outro dia que, para tua velha mãe, ainda és o seu menino? Para ela não cresceste, pois. E quem é que cresce afinal? Cada um de nós é a soma de todas as nossas idades, soma que contém em si, intactas, as suas sucessivas parcelas. Santo Antônio e Santa Teresinha adoravam, assim, um dos aspectos da natureza de Jesus, o qual não pode ser humanamente abrangido em sua totalidade. Daí a diversidade de maneiras por que é adorado. Tudo depende da formação ou conformação de espírito de cada um. E este “cada um” tanto se refere aos indivíduos como aos povos. Ele próprio o disse: “A casa de meu Pai tem muitas moradas.” Tudo é lícito, pois. Só não é lícito, só não está direito, é abordares tal assunto com a irreverência de há pouco.

— Mas que mal tem uma brincadeira inocente para argumentar?

— Basta de “mas”! Com este assunto não se brinca. Nosso Senhor não tem *sense of humour*. Nosso Senhor leva tudo a sério. *Humour*, ironia e quejandos são perversões do espírito, sinuosidades do espírito... E espírito sinuoso é o da serpente... É o espírito do Diabo!

— Mas o senhor acredita no Diabo?

Inscrição para um ônibus

O triste dos caminhos é que eles jamais podem ir aonde querem.

O hino nacional

Coelho Neto, hoje um tanto injustamente esquecido, quando deputado lançou um projeto de lei que instituiu um prêmio para uma letra destinada ao Hino Nacional.

“Era uma coisa realmente lamentável (comenta um jornal carioca) que, possuindo um hino com uma música tão bela como a de Francisco Manuel, não tivéssemos uma letra condigna para cantá-lo. A que se cantava, então, só merecia o rótulo de execrável.”

Pois bem, não conhecemos a primitiva letra do Hino Nacional, mas nos atrevemos a dizer que não poderia ser muito pior do que a atual, a que obteve o prêmio no concurso devido à louvável iniciativa de Coelho Neto. Como se sabe, é seu autor Osório Duque Estrada, mau poeta e crítico feroz, e que só assim, como autor do hino, passou à posteridade.

É claro que um hino nacional, destinado a ser cantado pelas crianças das escolas e pela gente do povo, antes de tudo tem de ser simples, compreensível, ao alcance de todos. Ora, o hino de Duque Estrada está cheio de palavras “difíceis”: plácidas, fúlgidos, vívidos, flâmula etc.

Pobres crianças... Como lhes é difícil, assim, amar o Brasil! Não, o amor à pátria devia ser coisa menos complicada...

E isto sem falar na inconsciente e atroz ironia daquele verso: “Deitado eternamente em berço esplêndido.”

Da boa e da má ignorância

A ignorância rasa e simples é coisa honesta e conserva desanuviado o entendimento. Mas Deus te livre, meu filho, da ignorância complicada.

Os intocáveis

A ironia atinge apenas a inteligência. Inútil desperdiçá-la com os que estão longe do seu alcance. Contra estes, ainda não se conseguiu inventar nenhuma arma. A burrice é invencível.

Nulla dies sine linea

Se te ocorresse todos os dias um pensamento e o escrevesse num diário, verias, ao fim da vida, que era o mesmo pensamento: o que variava era a frase.

Quatro buquinistas

Praça da Alfândega, na bela noite de domingo. Remexendo num caixote rústico dos que servem de apêndice aos *stands* laqueados da Feira do Livro, encontramos-nos quatro desconhecidos a procurar afobadamente (estava na hora do fecha) qualquer coisa para levar pra casa e pra cama: valia muito a pena: era a preço de liquidação. E, enquanto vasculhávamos aqueles livros há tanto tempo sepultados nas catacumbas das estantes, ia-nos surgindo a cada momento nas mãos uma biografia do barão de Macahubas, que não sabíamos quem fosse nem queríamos saber quem era. Logo o púnhamos de lado (orre, diabo!).

No entretanto me invadia um crescente remorso: parecia-me estar revolvendo e revirando sacrilegamente os ossos do barão, que espero voltem ao repouso das estantes, à paz do esquecimento; como ninguém os quis, e para não ocuparem espaços, talvez os livreiros recorram piedosamente à cremação. Mas o mais provável é que acabem vendidos aos quilos. E do barão de Macahubas nem as cinzas restarão. Será desmanchado e transformado em papel em branco: imagem do Nada.

Havia também numerosíssimos exemplares de *Os invioláveis*, que confirmaram coerentemente o título. Em todo o caso, se perdi para um dos meus companheiros desconhecidos, que logo o sovaqueou ciumentamente, o único exemplar que havia do *Inglês para namorados*, pesquei uma preciosidade bibliográfica: *Literatura e poesia*, de Augusto Meyer, publicado na década de trinta em Porto Alegre por uma dessas editoras efêmeras a que os adolescentes se aventuram, confiantes, sob o sorriso complacente e olímpico dos Grandes Editores. Levei também os *Papéis pintados*, de Alberto Rangel, para matar saudades do seu pouco recomendável mas delicioso estilo barroco e da nobre ortografia etimológica.

Por fim, nós os quatro separamo-nos amigos. E aí está, leitor, uma das vantagens das feiras. Esse acotovelamento é uma escola de democracia, concorrendo em muito para acabar com o isolamento das classes. Para o que também contribuem as filas, tão malsinadas. E as mesas comuns dos restaurantes populares: a carestia da vida fez com que o funcionário público, o estudante, o operário, o agricultor de passagem pela capital, procurassem os restaurantes baratos, com os seus completos e meio-completos, seus sortidos, seus separados.

Donde se conclui que a miséria leva à confraternização, à igualdade, à Democracia, enfim que é o que todos nós queremos.

Viva, pois, a Miséria!

Cautela

Recomendação de um meu tio, quando eu era gurizote:

“Não mexe com as negras, que elas andam sempre com a boca cheia de mãe.”

Os diferentes

Oh! esse misterioso, inexplicável olhar de orgulho e desafio que têm os monstros de feira... e este constrangimento — se um deles nos fita acaso — como se nos desculpássemos de ser tão normais, tão iguaizinhos uns aos outros.

?

Que artista teria inventado o nosso ponto de interrogação? Ele já tem a forma de uma orelha que escuta.

A cada passo

A cada passo topamos com um desses cidadãos de idade provecta que, lá pelas tantas, suspira fatalmente e diz:

“Ah! os bons velhos tempos...” Bobagem, meu velho! Os tempos são sempre bons: vocês é que não prestam mais.

Da arte de escrever

O mais difícil da arte de escrever é quando temos de redigir as dedicatórias.

Recordações

Sala de espera no consultório. Sala de espera? Não: sala de recordações. Porque as revistas são tão velhas que a gente, sincronizando (perdão) com as datas delas, transporta-se ao que foi naqueles tempos. Ah! quando o Ministério se demitiu em massa recorde, eu andava doido pela Maria Helena, que andava doida pelo Fabião, que andava doido pela Felisbina... Agora todos voltaram ao juízo e estão casados com outras pessoas. Todos, menos eu. Em compensação, juro que esqueci completamente a Maria Helena e, quando a encontro, me pergunto:

— Senhor Deus dos desgraçados, “esta” é “aquela”?!

Nada mais vivificante

Nada mais vivificante que o pensamento da morte. Não terá sido este o próprio segredo da espantosa evolução do homem — das cavernas aos astros?

Ao passo que os outros bichos, que não acreditam individualmente na morte, continuaram todos naquele ramerrão...

Na falta de mais o quê

Na falta de mais o quê, passo hoje a violar minha própria correspondência, citando, sem nome dos destinatários, alguns trechos de cartas que ultimamente escrevi. Dirás que não é assunto de interesse geral. Ótimo! Quem é que, neste mundo, se preocupa com o interesse geral? O público adora assuntos particulares.

A um poeta norte-americano: “Quanto aos poemas que V. me enviou, confesso que não tenho conhecimento suficiente do inglês para que possa provar, saborear, comer as suas palavras, pois eu acho que um poema a gente come... Em todo caso, espero fazer tal coisa ainda antes que V. consiga ler esta minha carta escrita em português.”

A uma moça que tem um Y no nome: “O que te atrapalha é esse Y de que fazes tanta questão. O que te salva é fazeres tanta questão desse Y.”

À mesma: “... ser contra a moda é o mesmo que segui-la às avessas.”

A um padre proselitista: “Sempre tive o bom senso de duvidar não só das minhas certezas mas também das minhas dúvidas.”

A um poeta amigo: “Se passei tanto tempo sem te escrever foi simplesmente porque não me lembrava mais das mentiras que te havia contado em minha última carta. Tu bem sabes que...”

A uma pessoa da família: “Naquela foto da Rádio Guaíba, o Erico saiu mais natural do que eu porque estava com a sua gravata fora do lugar.”

Da mesma forma

Da mesma forma que as crianças gostam de ouvir sempre as mesmas histórias, o comum dos leitores só gosta de lugares-comuns.

Todo o legendário cartaz de que gozavam os sete sábios da Grécia provinha de que só diziam coisas assim: “A vida é um fardo.” Esta, como todos sabem, é de Bias, e bastou para garantir a sua imortalidade, como o leitor bem está vendo por esta citação, quarenta séculos depois.

E quem não adora, quem não sabe como são repousantes essas conversas ocasionais sobre o tempo? Essas e outras têm, como as leituras em geral, a inapreciável vantagem de conservar o cérebro funcionando com o mínimo de combustível.

E note-se que, entre os devotos e praticantes das ideias prontas e das frases feitas, não se conta apenas gente ignara ou limitada... Até pelo contrário. Ainda hoje me rio de meu ingênuo espanto quando, há uns vinte anos, certo famoso locutor de rádio lia, à minha mesa, no saudoso café Oratório. Bolas, uns versos que eu publicara na *Revista do Globo*. A certa altura do poema referia-me eu a esses voos misteriosos e súbitos que as pombas citadinas fazem às vezes em conjunto, da cornija de uma casa à outra, de um para outro telhado:

“De casa à casa os beirais
Trocam recados de asas
Riscando sustos no ar...”

— Mas — estranhou então aquele meu ilustre e querido leitor — por que não disseste “mensagens aladas”?

Pois se eu queria era exatamente evitar o lugar-comum! Só não caí para trás porque me susteve instantaneamente o meu senso de *humour*, tão encantado me vi com o pique do caso.

Coisas assim não deixam de ser, afinal de contas, uma advertência do senso comum ao *raffinement* em que não raro incorrem os escribas, à custa da perda da inocência.

E, para confusão nossa, com que genial inocência escreveu Victor Hugo: “A montanha tem a névoa, o lago tem o cisne e a alma tem o amor!”

Bem-aventurados os que não têm autocrítica porque deles é o reino da terra.

E chego a dar razão ao locutor... Sim! Há dias em que eu teria vontade de escrever frases como esta: “As crianças são as flores do jardim da vida...” e juro que seria tão feliz como a dona do álbum em que acaso a estivesse escrito!

Shakespeare & traduções

Na sua versão de *A midsummer night's dream* a que deu o título de “Sonho de uma noite de verão”, há um verso que, traduzindo literalmente, seria assim: “Para trás, imunda bicharia!”. Pois bem, sabemos como o traduziu o venerando Visconde de Castilho? Assim:

“Para trás, para trás, ó relé sevandija!”

Pobre Shakespeare! Mas quem precisa de orações em intenção de sua alma não é Shakespeare: é o Visconde.

Conversa bem brasileira

— Desculpe, minha senhora, mas não consigo lembrar-me se a conheço do último carnaval, da última greve, ou da última enchente...

Bom começo

Ah, os *self-made man*... Nada tão irritante como as biografias dos grandes norte-americanos. Mas a vida do presidente Kennedy é bela exceção: ele já começou multimilionário. E pôde dedicar-se a coisas melhores.

Mau humor

Os poetas, com os seus moinhos de imagens, rodando e rodando e rodando na manivela dos ritmos, mais parecem uns micos de realejo... Tão engraçadinhos!

Mas essa musiquinha não resolve...

E vejo que, em torno, na praça do mercado, é cada vez mais rara a costumeira aglomeração de basbaques e ociosos...

E eu, se não fora o compromisso da hora H, não escrevia nada hoje. Nem teria escrito nunca. Pelo simples motivo de que, tudo quanto me venha acaso à cabeça, já no mesmo instante, e por isso mesmo, deixa de ser novidade para mim.

De modo que me aborreço muito antes do leitor...

Não sei o que fazer desta minha máquina de pensar, seu moço. Sua falta de surpresa desinteressante.

E não há a mínima esperança.

Pois até seus desarranjos redundam tão somente em novas combinações dos mesmíssimos elementos, como um caleidoscópio que fosse rolando escada abaixo. E ainda que eu jogasse para as alturas, iria dar no mesmo.

Em vista disso, alguns me aconselham a escrita automática, que é afinal de contas o que os surrealistas consideram poesia pura.

Mas isto me lembra, e muito, o baixo espiritismo, de tão pífios resultados...

E em última análise, não é mais ou menos o que se tem feito em todas as épocas, com o clássico automatismo do metro e da rima?

Ah! os poetas com os seus moinhos de imagens mais parecem etc. etc.

As más companhias

O que mais irrita os jovens é quando lhes aconselham que evitem as más companhias... Como se eles não pudessem perder-se por conta própria!

Mata-borrão

O mata-borrão absorve tudo. Como prêmio dessa receptividade e paciência, no fim da vida acaba confundindo e baralhando as coisas por que passou... O que não deixa de ser um jeito de esquecê-las.

Exegeses

Se um poeta consegue explicar o que quis dizer com um poema, o poema não presta.

Não sei se te lembrás

Não sei se te lembrás, leitor, mas escrevi no meu último Caderno H:

“e apenas sei chorar nossos amores defuntos”

eis que veio o Diabo (não, não foi o linotipista, não foi o revisor, te juro) veio o Diabo e meteu o seu rabo no meio, disfarçado em vírgula, fazendo com que eu publicasse isto:

“e apenas sei chorar nossos amores, defuntos”.

Viste? Transformou minha inocente e cordeirinha nênia num pavoroso poema necrófilo!

Ris?

Ah, tu estás rindo, eu sei, é da palavra “nênia”...

Pois empreguei-a de propósito, em homenagem a um poema que eu descobrira num almanaque e decorara por conta própria em menino. Homenageio o poema, note-se, e não o autor, cujo nome esqueci ou não vi. Ei-lo o poema:

“Bernardo, envolto em lemistê,

Insulsas nênias recita.

Ao riso ninguém resiste.

E o vate funéreo grita:

Não riam, que é coisa triste!”

Mas coisa triste, triste mesmo, é como não terei eu, com aquela vírgula do diabo, confirmado em seu juízo os que pensam que todos os poetas são uns tarados... e os que pensam que todos os poetas são uns farsantes...

E tanto num como no outro caso, bem sabes que o exibicionismo é a regra, seja degenerado mesmo, ou reles mascarado.

Abro um caderninho verde que trago no bolso, que encontrei há meses. Vejo nele escrito:

Pouco, tão pouco

A felicidade:

Um pedaço de pão

Sem queijo.

Dirás que trevario. Não: é que o dito caderninho de poemas não traz assinatura. Só se sabe que a letra é feminina. Veem pois os fariseus que a poesia nem sempre quer dizer exibicionismo...

Às vezes quer dizer poesia mesmo...

Provocação

Oh! essas mulheres bonitas que, mal nos são apresentadas, entremeiam a conversa com frases deste jeito: — O meu marido acha que... O meu marido diz que... Ah, a propósito, o meu marido...

Em verdade vos digo que nenhum marido merece isso...

Pergunta inocente

Mas se as bruxas têm tantos poderes — por que serão tão velhas, tão feias, tão pobres, tão sujas?

Cuidado!

Se alguém tem alguma crença — por absurda que for — nunca discutas com ele... Dize-me, com a mão no coração: — que lhe darias em troca?

Nunca se deve tirar o brinquedo de uma criança.

Slogan para o Ministério da Saúde

O fumante é um retardado que ainda não conseguiu deixar de mamar.

Incompletude

Triste de quem não conserva nenhum vestígio da infância...

Uma crônica urbana

E como eu dissesse a um amigo meu que ia para casa, pois precisava recolher-me a pensar um pouco para escrever, ele, experimentado jornalista, disse-me que, para fazer crônicas, era uma bobagem “ir pensar”, e muito menos em casa.

— As crônicas se fazem por si, na rua. Qualquer coisa que você veja serve. Só aos poetas e aos esquizoides o mundo exterior atrapalha. E afinal de contas você não é nenhum grande mágico para tirar o mundo da sua cartola. Adeus. Vá passear.

Fiquei só. E, estando a meio caminho de casa e do centro, depois de alguns segundos de hesitação para dar satisfação ao livre-arbítrio, resolvi seguir o seu conselho.

Fiquei só, na parada do bonde. Só e arreliado, porque só dava bonde expresso. Ah, minha Nossa Senhora da Santa Paciência! Esses bondes que passam para se recolherem à Estação, com a indicação EXPRESSO, deveriam querer dizer atenciosamente: EXPRESSO OS MEUS SENTIMENTOS... Mas qual! Basta olhar a cara de sadismo com que os motorneiros olham para a nossa cara de desapontamento, para ver que o que eles estão é gozando... Eles, a jato, nos seus veículos tentadoramente vazios, e a gente ali no poste de parada, numa raiva impotente, pensando coisas *que la pudicia no permite nombrar...*

Me vingó (a covardia humana não tem limites) na inofensiva pessoa de um velho marginal que me pergunta:

— Onde é o poste?

E eu: — Onde é o poste? Ora! Isto é pergunta de cachorro, seu!

Ele não respondeu, nem sequer procurou entender. Chego então à minha primeira reflexão filosófica provocada pelo mundo exterior, conforme aquele conselho amigo. Ei-la: o bom da miséria, do que se convencionou erradamente chamar vida de cachorro, é que os sentimentos, o pensamento e a dignidade se embotam, de modo que assim há menos sofrimento, ou acaba não havendo nenhum. E a serenidade da degradação. A serenidade, isto é, essa mesma coisa que santos e filósofos procuram penosamente atingir por meio da elevação... Degradação ou elevação — que importa, se o resultado é o mesmo?

Mesmo que um dia se conseguir fazer rosas de todas as cores — sempre há de ficar no mundo a imutável beleza das panteras, a incorruptível limpidez das lágrimas...

Esses retratistas...

Desde que nasci conheço minha terra e minha gente (pudera não!) porém não me julgo, em sã consciência, autorizado a fazer-lhes um retrato que possa considerar cem por cento fiel, e surge qualquer turista de aeroportos e nos julga de supetão a todos, pessoas, animais e coisas, sem apelação possível.

Donde se conclui que cada um fornece o depoimento de si mesmo e não do mundo exterior. Os mais conscienciosos por isto intitularão seus estudos, por exemplo, de “retrato sincero” da Conchinchina, do Brasil etc. (e não retrato “verdadeiro”).

Donde se conclui também que só podemos falar autorizadamente, embora suspeitamente, de nós mesmos. Tudo é autorretrato e autobiografia. Nem era por outro motivo que Flaubert proclamava: “Madame Bovary sou eu!” e, modernamente, Gertrud Stein escreveu a história da vida de sua amiga Alice B. Toklas com o título de *Autobiografia de Alice B. Toklas*.

Ah! É?

Acabo de ler, num artigo de jornal, que pertenço à “antiga geração”. Deve ser por isso mesmo que me sinto tão arejado como um velho casarão de vidraças partidas.

O instrumento

O encantado espanto que senti quando fiz a primeira poesia ainda perdura até hoje: jamais me esquecerei daquele inábil, daquele medroso toque no instrumento desconhecido... E — até hoje — este receio de uma nota em falso!

E por falar em poesia

Nos dicionários, sempre que vem uma palavra tola, segue-se-lhe a abreviatura: “poet.”. Não me ocorre agora nenhum exemplo a não ser “natura”. O que já requer uma boa dose de bicarbonato. Em compensação, há poucos dias, um outro *gourmet* do vocabulário, o meu amigo Paulo Arinos, esteve a deliciar-me com uma lista inédita de palavras pornográficas, que ele vem organizando com o maior carinho. Entre estas se achava a palavra “sodalício”.

Vamos descolar

Ah! — suspirava um pobre homem todo colado de colaterais — por que esses colaterais não se limitam a ser laterais?

Bobagens

Dizer bobagens areja a alma e faz a gente gozar com a cara do outro. Dizer isto, por exemplo, a uma dona de casa que acha que comemos pouco: “Eu sou um animal de pouco comer, porém de olhar compreensivo.”

Coincidência

Às vezes a gente pensa que está dizendo bobagem e está fazendo poesia.

A diferença

A diferença entre um poeta e um louco é que o poeta sabe que é louco... Porque a poesia é uma loucura lúcida.

Manifestações de amor

Uma das mais deliciosas manifestações de amor é a falta de respeito.

Tênis

Ótima ginástica de pescoço para o público das arquibancadas.

Respostas tiradas de uma entrevista

- Quais as personalidades a quem mais admira?
 - Greta Garbo e Sherlock Holmes.
 - Qual o maior poeta brasileiro atual?
 - Deixe disso. Nenhum poeta é cavalo de corrida para ser obrigado a chegar em primeiro lugar.
 - Sua principal qualidade?
 - O bom senso (não confundir com senso comum).
 - Seu principal defeito?
 - O de todo o mundo, isto é, o de não saber qual seja.
 - O que acha o senhor da poesia engajada?
 - O mesmo que acho das perguntas engajadas.

Da amizade

A amizade é uma espécie de amor que nunca morre...

Sem fazer pose

A maneira de um autor não fazer pose é escrever para ninguém. E muito menos para si mesmo. Pensar em um determinado leitor — ou leitores — prejudica a naturalidade.

Em qualquer circunstância

Em qualquer circunstância, como não se trata absolutamente de tirar retrato, natural ou não, posado ou instantâneo, seria o caso de dizer-se, sem trocadilho: — Não olhe para a objetiva e sim para o objetivo.

Na verdade

Passa a loira na rua, a loira absoluta. Vem de Deus ou do Diabo: Anjo ou Prostituta?

Nem de Deus nem do Diabo... na verdade vem só da Natureza...

O só perigo, meu velho amigo, é que não deveriam existir mais dessas coisas na tua idade...

A pedra e o grito

Há cerca de mais de cinquenta anos foi para nós uma lição de poesia aquele poema da pedra no meio do caminho. Pelo seu despojamento. Pela sua expressividade. Por si mesmo, sem mais explicações.

Ah! era um encanto e um gozo, na verdade vos digo, primeiro pela indiferença a todos os cânones e depois pela cara com que ficavam os canônicos.

Nem foi por outro motivo que eu disse, em resposta a inquérito, que aquela pedra foi um marco histórico na poesia brasileira. Desde então, como depois da bomba atômica, nunca mais fomos os mesmos.

Teria inaugurado uma arte poética?

Nada disso. Seria o cúmulo que aquele impacto de liberdade criadora nos escravizasse a mais uma escola.

Sim, meninos, vamos gazejar todas as escolas! Nem todos sabem como isso faz bem...

E agora, no ano em que se está festejando o sesquicentenário do grito do Ipiranga, vem muito a propósito proclamarmos — também — que poesia é independência ou morte.

Mas quem diria que o Carlos Drummond, que lançou o grito daquela pedra, está completando terça-feira 70 anos? Ninguém acredita. Que precocidade!

Pois o fato — que nada tem com a data — é que ainda o vemos na pista com a mesma agilidade com que começou. De modo que os seus fiéis, impacientes, como deve estar o próprio poeta, com esse palanque comemorativo, só se lembram de dizer, para bem de todos e particular dignidade da poesia:

— Continue, Carlos, continue...

E não lhe chamemos, por favor, de coisa nenhuma: seria impróprio adjetivar um poeta tão substantivo como Carlos Drummond de Andrade.

(1972)

Gente demais

As guerras, não como alguns julgam, ajudam muito a remediar a incômoda situação, pois os que ficam em casa aproveitam a deixa para multiplicar-se... e quanto! E, como os que vão para a chacina são hoje em dia selecionados entre os mais aptos e sadios de físico e de espírito, imagine o leitor as consequências desta solerte multiplicação de incapazes por detrás das bombas...

Tragédia

Não, a pior tragédia não é a que tomba inesperada, rápida, definitiva e única como um raio e que até pode ser atribuída a castigo divino... Mas a que se arrasta quotidianamente, surdamente, monótona como chuva miudinha.

A pior tragédia conjugal, por exemplo, não é a do assassinato por adultério, ou de qualquer outra variante do gênero. É simplesmente esta, a que assisto todos os dias da minha janela às cinco e meia da tarde: aquele senhor que leva o cachorrinho do casal a dar uma volta pela praça e pacientemente espera, segurando a corrente, que o outro coitado umedeça o poste... É toda a desgraça de uma vida a escorrer pingo a pingão... A tragédia em goteira. Como vedes, não dá para manchete. Nem chega a ser um *fait-divers*... Mas, para mim, é tudo: a pior tragédia é a tragédia sem grandeza.

Indumentária

Por que os fantasmas sempre aparecem vestidos? Sendo a morte um segundo nascimento, por que não surgem ao natural, tal como chegaram a este mundo?

Impasse

A maioria das gentes vive de convicções e não de ideias.

É uma sorte. O homem de ideias pode por isso mesmo vir a abandoná-las honestamente por outras, mas o homem de convicções, nunca! O que não deixa de ser um azar. Pois sendo as mesmas inabaláveis convicções que movem este mundo, o resultado é esse eterno desconcerto.

Anonimato

O que há de mais triste com esses bustos de praça pública não é que ninguém saiba quem sejam: é que ninguém pergunta quem são.

Os deuses astecas

(Nota marginal ao livro do Erico sobre o México:) — Não, não foi bem assim! Os deuses astecas Huichtlipochtli, Quetzalcoatl, Ixtlipetzloc et cetera, morreram engasgados com os próprios nomes.

A felicidade bestializa: só o sofrimento humaniza as pessoas.

O pássaro pi-i

O pássaro pi-i só pode viajar aos pares e por isso é o símbolo dos namorados — pois um deles só tem a asa do lado direito e o outro só tem a asa do lado esquerdo: só bem juntinhos é que podem voar!

Receita

No dia em que estiveres muito cheio de incomodações, imagina que morreste anteontem... Confessa: tudo aquilo teria mesmo tanta importância?

Não sou supersticioso

... mas o 13 é o meu número de sorte. Por motivos de ordem sentimental. Só porque todo o mundo tem medo dele...

A espuma

No saguão do hotel, em cujas poltronas se afundavam uns bocejantes hóspedes, aquele representante comercial exaltava as vantagens do sabonete X.

— Mas não faz quase espuma... — objetei afinal.

— A espuma não é essencial no sabonete! — sentenciou ele.

E logo pôs-se a provar eruditamente, cientificamente, quimicamente, ante o círculo atento dos basbaques e especialmente para a minha total ignorância sabonetácea ou saponífera, que a espuma, de fato, não é o essencial do sabonete.

— Mas... é mais divertido... — repliquei, em desespero de causa.

Aí os basbaques ficaram todos do meu lado. E o categórico representante comercial ficou espumando de raiva. E eu pensando, cá com os meus botões, se não teria acaso feito uma parábola...

Fúrias

Na antiga mitologia as almas culposas eram perseguidas pelas Fúrias. Hoje, os poetas, ainda por cima inocentes, são devorados em público pelas declamadoras.

Placas de esquina

Leio, sem querer, na placa da esquina: “Rua VIGÁRIO JOSÉ INÁCIO (sacerdote culto e piedoso que parouqueou a igreja do Rosário longos anos).”

Esse “parouqueou” me deixa amedrontado. Porque tenho medo de que algum dia venha a ler uma placa assim:

“Rua DOM VICENTE SCHERER (digno sacerdote que longos anos bispou a arquidiocese de Porto Alegre).” Ou assim:

“Avenida PIO XII (Santo Padre que longos anos papou a Cristandade).”

O inominável

O eu não nome tem. O meu nome, diz ele, é João. E daí? É como se dissesse o meu nariz, os meus óculos, o meu par de sapatos.

Este eu irreduzível é o que existe de mais impessoal, portanto, mais vasto e mais profundo — o assunto primeiro e último dos poemas, o campo de batalha dos anjos.

O resto é a pessoa ocasional, isto é, o indivíduo a quem emprestaram o nome de João, que comprou um par de sapatos, que usa óculos e se julga dono do próprio nariz.

Mas que nem sabe o quanto significa...

Eles

Eles confundem homem famoso com tipo popular.

Vida social

O gato é o único que sabe manter-se com indiferença num salão. As outras indiferenças são afetadas.

Poesia

Às vezes tudo se ilumina de uma intensa irrealidade, e é como se agora este pobre, este único, este efêmero minuto do mundo estivesse pintado numa tela, sempre...

Os caminhos estão descansando.

A estrela e o dedo

O estrelato parece que passou. Ainda ontem, falando no Ingmar Bergman, quis, por mera associação de ideias, lembrar comigo o nome todo de “La Bergman”: não consegui. Em Chaplin o que não passará é o Chaplin diretor, que tanto lembra Molière na escolha — espantosamente simples e genial — do pormenor significativo. Pois todo mundo sabe que narrar é a arte de escolher. O dedo, o toque. E pronto. O resto é relatório. Tanto num livro, para o romancista, como num filme, para o diretor. Quanto ao Chaplin ator — muita vez já pensei, no escuro das salas de projeção: “Como seriam boas as suas comédias, se representadas por outro!”

Vergonha

Bem! a verdade é que sempre existe a vergonha de apodrecer... Vergonha para nós agora, banhados, roupas limpas etc. e tal...

Mas, na verdade, vos pergunto: qual a diferença entre o néctar e um vômito?... Para as narinas de Deus, todos os cheiros são iguais.

Sugestão para um anúncio de tv

Nero, durante o incêndio de Roma, saboreando lenta e gulosamente uma caixa de bombons ROSICLER.

A transposição

Também me lembro que quando eu era gurizote e briguei mais uma vez para sempre com a Gabriela, deixei-a ali na praça (era domingo, depois da missa) e fui passear pela sua rua, pela frente de sua casa, por todo aquele deserto — ai de mim — tão cheio da ausência dela!

Nocaute

Um discurso em homenagem nossa é uma verdadeira surra às avessas: fica-se naquele estado horrível... e sem palavras com que revidar!

Ainda bem

O que salva nossa triste condição de *Homo sapiens* é que não se pode ter certeza nem da própria dúvida.

Os novos

É tal a sua pressa de comunicação que eles se esquecem de aprender a escrever.

Das viagens

O encanto das viagens está na própria viagem: a partida e a chegada são meras interrupções num velho sonho atávico de nomadismo.

O poema e o tema

Se um poeta não falar em nada e disser simplesmente tralalá, não importa: todos os poemas são de amor...

Da irresistível beleza

O leão é um animal tão belo que ser devorado por ele é melhor do que ser devorado por um crocodilo.

Tlin! Tlin!

O despertador é um objeto abjeto.

Os dois gatos

(uma fábula traduzida de Florian)

Dois bichanos,
Nascidos ambos sob o mesmo teto,
Eram, como sucede às vezes entre manos,
Diferentes de humor, como de aspecto.
O mais velho dos dois, um branco, dava gosto
Olhá-lo. Dir-se-ia um cônego em arminho,
Tão rechonchudo era, e liso, e bem-disposto.
 Olhar todo carinho...
E além do mais, dado à preguiça e à gula.
 Quanto ao caçula...
 Ora! Vede
Se tinha compostura aquilo... Um verdadeiro
 Gato pingado!
Negro, desse negror de poço em noite escura,
Sobre a espinha recurva ao feitio de uma rede
Não tinha mais que a pele, o desgraçado.
No entretanto passava a noite, o dia inteiro,
A correr, do porão à água-furtada,
 Na tenaz procura
 De possível caça.
Apesar disto... nada!
Sempre chupado como um gato em passa...
Lá um dia, diz ele a seu irmão:
— “Eu sempre no serviço,
E tu, sempre no sono,
Ó sorte desigual!
Por que motivo então
Nos trata o nosso dono

A ti, tão bem, e a mim tão mal?
Não, francamente, eu não compreendo isso...”
— “Mas, é claro!
Só Deus sabe a existência que tu passas...
E todo esse trabalho cansativo e longo
Para afinal, de raro em raro,
Comer, tristonhamente, um triste camundongo!...”
— “Pois não é meu dever?”
— “Seja! Mas eu, meu caro,
Eu estou sempre ao lado do patrão,
Divirto-o com minhas graças,
Esfrego o pelo em suas calças
E ronrono e me enrosco e me contorço...
E assim, sem maior esforço,
Vou ganhando um vidão, regalado e tranquilo.
Carícias falsas
E maneiras fúteis,
Isso agrada ao patrão... Mas tu, para teu mal,
Só o que sabes é servi-lo!
Olha, maninho, o essencial
É fazermo-nos hábeis, e não úteis.”

O brotinho

Passa um brotinho. Vai andando e vai crescendo. E toda esganiçada: a voz, os gestos, as pernas... Antílope! vejo antílopes quando ela passa! Pois deixa, passando, um friso de antílopes, de bambus ao vento de luas andantes, mutáveis, crescentes...

Não é possível

O futuro é uma espécie de Banco ao qual vamos remetendo, um a um, os cheques de nossas esperanças. Ora, não é possível que todos os cheques sejam sem fundo!

Das diversas maneiras de pensar

Há os que pensam olhando as unhas. Os que pensam olhando para cima. Os que pensam segurando o queixo. Os que pensam puxando a orelha. Conclusões baratas: os primeiros não devem estar lá com a consciência muito limpa, os segundos querem fugir da consciência, os terceiros não podem com o peso da consciência, e os últimos, os que puxam a orelha, o próprio enunciado já diz tudo.

Idade

Estou nessa idade em que o juiz consulta o relógio e as arquibancadas já vão se esvaziando...

O espelho no escuro

Um espelho no escuro aproveita a solidão da noite para refletir, de fato.

Verso avulso

Teus lábios úmidos como frutos mordidos!

Os silêncios

Não é possível amizade quando dois silêncios não se combinam.

O bom dormir

Quando desperto assim — tranquilo e imune o coração — já sei de tudo: é que a minha pobre alma esteve a noite inteira naquele quarto de um velho casarão antigo, tão antigo que já nem sei se ainda existe neste mundo.

Da arte de fazer visitas

Sempre que o convidavam a uma casa, perguntava-lhes se podia levar um amigo... Deixava então os outros conversarem enquanto ele fingia que escutava.

O ruim de uma visita familiar é que a dona de casa sempre faz perguntas quando a gente está de boca cheia.

Realidade

O fato é um aspecto secundário da realidade.

As garotas de Ipanema

Tão iguaizinhas! Impossível diferenciar uma das outras: devem ter uma alma coletiva...

Talvez e sem dúvida

Envelhecer sem criar experiência — talvez nisso consista um dos tantos segredos da vida. Mas é, sem dúvida nenhuma, o grande segredo da poesia.

Os sorbonagros

Falando no velho Augusto Meyer, lembramos de uma bela palavra que ele inventou: “sorbonagro” (Sorboneonagro), isto é, o asno magister, a besta catedrática. Uma delícia, não?

Agora pergunte-se: por que motivo só os droguistas terão o direito de inventar palavras: Galenogal, Andriosedil, Orex? Isto foi sempre atribuição dos poetas... Camões, saqueando imperialmente o latim e o grego, criou quase metade da língua portuguesa. Quem havia de pensar que a palavra “século”, hoje corriqueira, foi ele que a pôs em circulação matando para sempre o “segre”, até então usada? Mas é que no seu tempo não havia os sorbonagros.

Quantas e quantas vezes já me disse um destes:

— Mas isto não está no dicionário!

E de uma feita como eu lhe observasse que certo verbo comuníssimo na boca das gentes, nenhum dicionário ainda o registrara, saiu-se com esta:

— Essa palavra não existe: é uma invenção do povo.

— !!!

Ficam os comentários a cargo do leitor: até hoje (já lá se vão quarenta anos) essa sentença me deixou “harto e nulo”, como diria o Eça, e, como fingidamente balbuciou o Rui no famoso introito de um seu discurso famoso: “Diante disso... depois disso... eu não sei o que deva dizer...”

Leitura de jornal

... e eis que entre tantos títulos alarmados e alarmantes, me surge, inesperadamente, este: “Crescimento Vegetativo da População Bovina.” Ó Deus, ó gentes... o bem que isso nos faz! É tranquilizador como um verso de Tagore.

Alegria suprema

Alegria, mesmo, é a do suicida que escolhe o dia mais azul — exatamente o dia mais azul! — e joga-se, triunfalmente, do arranha-céu mais alto da cidade...

A estátua

O que há de mais triste em virar estátua é que a gente não pode coçar-se...

História edificante

Era uma vez duas pulguinhas que passaram a vida inteira economizando e compraram um cachorro só para elas.

A grande atração do circo

Salvador Dalí? Espantoso, sim... mas que espantosa falta de imaginação!

Picasso e Dalí

Picasso é mais espontâneo: nunca procurou espantar o burguês.

Não olhe para os lados

Seja um poema, uma tela, ou o que for, não procure ser diferente. O segredo está em ser indiferente.

Os discípulos

Os discípulos de um escritor só conseguem acentuar os defeitos do Mestre.

Tudo quanto

Tudo quanto se sabe é de ouvido. A gente aprende que um gato é um gato por ouvir dizer. E a terra gira tão obedientemente em redor do sol simplesmente porque a “fessora” disse, não foi? E também é verdade que há milhões de criaturas sobre a face da terra que não sabem que andamos girando pelos espaços, nem jamais o saberão, e nem por isso são menos felizes ou infelizes. Mas isto é outra história...

O que eu queria dizer é que, se já nascemos geralmente com uma cabeça, as ideias vêm de fora. São adquiridas depois, como chapéus.

Passando, porém, das simples noções concretas para as ideias consideradas abstratas, cumpre não esquecer que o uso dos chapéus está fatalmente condicionado ao formato da respectiva cabeça. Daí, toda essa variedade — em forma e número — dos supraditos, qualquer que seja a sua marca: filosófica ou religiosa, estética ou política. Ou o chapéu serve ou não serve. Inútil impô-lo. Quando muito, será preciso adaptá-lo à cabeça do portador.

Por essas e outras, meu Deus, que criaturas tão ingênuas os proselitistas, ainda mais os políticos, querem distribuir indistintamente por todos os povos do mundo a cartola democrática do Tio Sam...

Ou enterrar na cabeça de todo o mundo, a muque, o abafante “kólbak” cossaco!

Bem, não toquemos no parlamentarismo...

Tantas as perplexidades da escolha, às vezes, e tamanha a morosidade das provas, que o mais cômodo mesmo, meu filho, é esta moda atual, de não usares chapéu.

Circo

O mais triste, nos circos, não é a falta de graça dos palhaços. É quando obrigam os bichos a se fantasiarem de gente.

Apenas

O criador — seja ele um romancista, um cineasta, um pintor, um poeta — não cria coisa alguma. E num mundo onde todas as coisas já existiam, o verdadeiro criador se limita apenas a mostrar tudo aquilo que os outros olhavam sem ver.

Era uma vez

Era uma vez, num conto de fadas, uma pastorinha tão pequenina que, em vez de cuidar das ovelhas, as ovelhas é que cuidavam dela.

A rainha

Elizabeth II? Não: Elizabeth, simplesmente... Ou então a Lilibeth, como a chamavam quando menina. E foi mesmo uma grande sorte para o Império Britânico que haja ascendido ao trono uma mulher, e uma mulher moça e bela. Porque, sendo ela o símbolo do Império, os seus súditos, por um natural sentimento de galanteria, com tanto mais empenho hão de servi-la, servindo assim ao Império.

Pois estou a crer que o ardor não seria tanto assim, se agora encarnasse o Império algum maduro de olhos empapuçados (os homens da Casa de Windsor têm todos uma singular e antifotogénica tendência para empapucar os olhos). Mas, sendo ela quem é, e como é, para o mais anónimo soldado de Sua Majestade, para o mais modesto funcionário da administração, distantes e perdidos nos confins do Império, a encantadora Elizabeth será, a seus olhos e em seus corações, uma espécie de PIN-UP QUEEN.

(1953)

Já estavam escritas as linhas acima (rabisquei-as na véspera da Coroação) quando vim a ler nos jornais as palavras com que Winston Churchill encerrou as comemorações do grande dia.

“Não se pense (assim falou o primeiro-ministro) que a idade cavalheiresca pertence ao passado. Aqui está, na direção de nosso Estado, uma dama a quem respeitamos porque é nossa rainha e a quem amamos por ela mesma. Gentil e nobre são termos familiares para todos nós em toda a fraseologia cortesã. Esta noite adquirem um novo timbre, porque sabemos que são o reflexo fiel da radiante figura que a Providência nos trouxe numa época como a presente, difícil e de futuro desconhecido.”

Muito bem, Mr. Churchill, é o que todos nós pensamos. E também não podemos deixar de pensar na ascensão daquela outra jovem soberana, a rainha Vitória, e naquele outro grande primeiro-ministro, Disraeli, que forjou com a sua rainha a grandeza da Inglaterra.

E, cá entre nós, palpita-nos que o próprio Churchill há de julgar-se um novo Disraeli. E com razão. Porque o é, de fato. E também porque é sabido que o fraco de Churchill não é certamente a modéstia. Ele está acima dessa virtude um tanto suspeita e que talvez, no fundo, não seja mais que orgulho disfarçado, um orgulho tímido, por assim dizer. Aliás, Churchill tem lastro para pensar e dizer de si o que quiser. Mas, mesmo ainda quando o mundo não lhe conhecia lastro algum, quando ele ainda não era ninguém, quando servia na Guerra dos Boers e era ao mesmo tempo correspondente, sob pseudônimo, de uma folha britânica, sucedia que às vezes os seus comunicados para o jornal terminavam assim: “Na ação destacou-se o bravo tenente Winston Churchill.” É pelo menos o que contam, numa de suas tão malfeitas e tão bem vendidas biografias-relâmpago, os senhores Henry & Dana Thomas, próspera firma comercial de escritores norte-americanos.

Mas, seja como for, conta-se que ainda há pouco regressando Churchill de Aix-la-Chapelle, aonde fora pintar, compareceu a um chá, um desses encantadores (?) chás de duquesas, que não acontecem apenas nos romances ingleses. Não tenho bem certeza de que o local onde Churchill andou pintando tenha sido Aix-la-Chapelle, mas trata-se da cidadezinha onde o mestre Cézanne costumava pintar: os pintores da terra que me emendem à mão, se estou equivocado. Ora, sabe-se que Churchill, nas horas vagas, é um pintor aplicado, honesto e medíocre, como convém a um dileitante. Pois ele chegou, sentou e foi logo dizendo para as duquesas:

— Estive pintando em Aix-la-Chapelle.

Tomou um gole de chá e esclareceu:

— É a mesma cidade onde Cézanne pintava.

Houve um silêncio embaraçado entre as duquesas.

— Foi tudo às mil maravilhas. Todos me deixavam à vontade. E as *jeune-filles* da terra punham os seus vestidos domingueiros e vinham passear pela minha frente, sorrindo e girando a sombrinha, na esperança de que eu as pusesse um pouco em minhas telas. E ninguém me incomodava, ninguém vinha espiar, às minhas costas, o que eu estava fazendo. Nunca pintei tão bem.

As duquesas entreolharam-se. Afinal a mais velha não se conteve:

— Meus parabéns, Mr. Churchill! Nem com Cézanne aconteciam coisas assim...

— Ah! Mas Cézanne levava sobre mim alguma vantagem.

Novo silêncio entre as duquesas.

Churchill tomou mais dois goles de chá e concluiu:

— É que Cézanne sabia pintar.

Da música

A música (dizia-me ontem o José Matias, e aqui o repito sem licença e talvez sem perdão de grandes amigos músicos que tenho) eu sempre achei a música muito comprida. Pois como ficar ouvindo, sem pensar noutras coisas, um número de concerto que dura no mínimo um quarto de hora? Lá pelas tantas, começa a gente a pensar em preocupações domésticas ou não, contas insolváveis, ou simplesmente nalguma dama da assistência. Tenha paciência, mas assim não dá. Deveria haver sonetos musicais...

De uma feita

E eis que de uma feita, após longos meses de ausência, chegou na roda de sempre o nosso amigo Eduardo Paixão. Se foi grande a nossa alegria, não menor foi o nosso espanto, pois ele se nos apresentava com uns vinte quilos a menos. É verdade que tinha antes vinte quilos a mais... Agora é que estava certo. Contou-nos, sem mais nem menos, que estivera em tratamento de uma gastro-píloro-bulbo-duodenite.

— Como?

— Gastro-píloro-bulbo-duodenite.

— Parabéns! — disse-lhe — pois estiveste sofrendo do mais belo verso da língua portuguesa.

(Trata-se de um decassílabo, como logo se vê; e, segundo preceitua o velho Castilho em seu Tratado de Metrificação, tanto mais belo é um verso quanto maior variedade de vogais e consoantes tiver.)

E como naquela época se estivesse realizando por intermédio da “Noite Ilustrada” um inquérito sobre o mais belo verso brasileiro, todos os da roda concordaram comigo para variar e repetiram, no mais puro êxtase:

“Gastro-píloro-bulbo-duodenite!”

Depois do que, foi o poeta muito felicitado. Modestamente recusou que remetessem o seu verso para o concurso, em vista de se tratar de poesia muito íntima, coisas internas, explicou... Nada de sofrimentos ocultos espudoradamente revelados ao público!

Em parte não deixava de ter razão, tanto mais que um dos versos que estavam sendo mais votados era o seguinte, da autoria de Alberto de Oliveira, com que este inicia o aliás belo poema do Paranaíba:

“Da Serra da Bocaina até São João da Barra.”

Nada mais objetivo, com efeito. É verdade que o eleitorado compunha-se exclusivamente de literatos e por isso talvez houvesse em tal escolha um toque de esnobismo. Explique-se: naquela época Proust começava a ser conhecido entre nós e decerto os votantes se lembraram de um seu personagem, Bloch, o qual considerava o mais belo verso da língua francesa este de Racine:

“La fille de Minos et de Pasiphae.”

Isto porque não tinha nenhuma significação em si mesmo, nenhum conteúdo lírico, sentimental ou coisa que o valha. Era belo, sem compromissos.

Mas, se não me engano, o que acabou vencendo foi o

“Auriverde pendão da minha terra”

— talvez por influência de sentimentos patrióticos e não propriamente poéticos. Venceu, pois, uma ala completamente oposta à da poesia pura, e queremos crer que tão equivocada quanto esta.

Ora, como não tivesse sido consultado, comecei então a coligar, *pour rire*, uma espécie de antologia dos piores versos brasileiros. E se o amigo da onça perguntar por que não começo citando os meus, dir-lhe-ei que uma coleção destas só tem graça em se tratando de grandes poetas ou grandes figuras nacionais. Começo, pois, por ordem cronológica, com Casemiro de Abreu:

“Se eu tenho de morrer na flor dos anos,

Meu Deus, não seja já!”

Há mais de trinta anos que estas palavras me perseguem, há mais de trinta anos que sempre as murmuro baixinho quando tenho de atravessar uma artéria chispante e buzínante de autos, ônibus, caminhões, motocicletas e outras engenhocas atacadas do delírio da velocidade e que parecem dizer num ritmo crescente: — que seja já! que seja já! que seja já!

De outros versos da gorada coletânea, não me lembro mais. Só me lembro que o citado Alberto de Oliveira concorria brilhantemente:

“... e ele no seu de faia
de ao pé do Alfeu tarro escultado bebe”.

Deixo ao leitor o cuidado de destrinchar essa engenhosa geringonça, na sua próxima noite de insônia. Alberto tem muito dessas coisas. Compre o leitor suas poesias completas, que não se arrependerá. Seria recomendável, porém, que se munisse de diversas bandeirinhas, como fazem os oficiais do Estado-Maior ante um mapa do campo de operações: uma bandeirinha vermelha para a oração principal, bandeirinhas verdes para as subordinadas, amarelas para as intercaladas, bandeirinhas negras, com uma caveira, para as súbitas e perigosas inversões. Aí sim, poderia o leitor “tirar um mapa”.

Bem, do resto não me lembro mais, dizia eu. Nem vale a pena. Mas como neste país são quase sempre as forças armadas que têm a última palavra, só vos direi que a palma da vitória era solenemente concedida, no fim da coletânea, ao general Osório, pelo último destes seus versos, que copio cuidadosamente da página 29 dos *Sonetos brasileiros*, coligidos por Laudelino Freire:

“Ó Lília bela, o meu queixume escuta,
Tem dó deste infeliz que é todo teu
E a glória de adorar-te só disputa.”

Nem tudo está perdido

“Minha cidade cresce dia a dia como uma árvore.” — *Ana Carolina*.

“Era um dia de bom humor para dona formiga. — Bom dia sol, bom dia flores, bom dia árvore, bom dia todas as cores.” — *Irineu*.

“O sol já me disse bom dia.” — *Matias Guilherme*.

“E você, amiguinho que me escuta, se tudo que fosse feito de árvore virasse árvore outra vez, você só veria árvores em seu redor.” — *Maria Ester*.

“Encontrei muitas glicínias no chão, estavam murchas, mas que fazer se já tinham caído, então foi porque já estava na hora delas caírem. Não pensei nas glicínias murchas, mas sim nas vivas, abertas, cheias de beleza. Gostei tanto das glicínias que parecia que meu coração estava coberto delas.” — *Marise*.

“As árvores se inclinam ao vento como se o estivessem cumprimentando.” — *Antonio Augusto*.

“A primavera é a estação mais bonita porque tem muitas flores, é mais cheirosa e é ela que possui as mais bonitas Orquestras Sinfônicas de Passarinhos Artistas (OSPA).” — *Virgínia*.

“De noite eu abro a janela da minha casa e canto para a ruazinha amiga adormecer.” — *Ester*.

Como o leitor bem viu, são transcrições de textos alheios, que recebi da professora Regina Schneider com uma carta em que me diz:

“Li, no Caderno H, seu comentário a respeito das crianças de hoje, que não sabem escrever porque não leem textos, mas apenas histórias em quadrinhos.

“Acho que o senhor tem toda a razão, mas... não se aflija, pois há crianças que escrevem muito bem e todas nascidas na última década, como os meus alunos deste ano. São crianças de nove anos e estão no terceiro ano primário.

“Envio-lhe algumas composições feitas no decorrer do ano (...)”

Agradeço-lhe a atenção que me dá, minha cara professora, e bem compreendo o alarmado carinho pelos seus alunos, ou melhor, pelas suas crianças. Pois foi esse mesmo desvelo de não ter perdido na infância o hábito da leitura que me provocou o comentário sobre as crianças que só olham figuras e não leem, e os pais das mesmas, que só veem televisão.

Mais adiante, escreve-me. “Acredito que a leitura dessas composições lhe será útil, pois através delas o senhor poderá conhecer melhor as crianças e avaliar suas possibilidades quanto à expressão, vendo assim que nem tudo está tão perdido.”

Exatamente porque sei da individualidade criadora das crianças e não as quero ver massificadas é que tanto me impressiona esse perigo que também a senhora reconhece. Elas têm a capacidade de recriar, de inaugurar o mundo a cada instante e não é outro o ideal dos poetas. Tenho até guardadas comigo, nestes últimos anos, belas composições escolares, como as que me enviou.

Mas o triste, mesmo, é que aqueles filhos e principalmente aqueles pais a quem eu de fato me dirigira, esses obviamente nem me leram...

Panorama de uma geração

No meu livro *Da preguiça como método de trabalho* transcrevi, na íntegra, a título de curiosidade, sem nenhuma corrigenda posterior, o primeiro conto que escrevi: “A sétima personagem.” No mesmo sentido divulgo aqui a primeira entrevista que concedi à imprensa, por ocasião de um inquérito realizado por Dante de Laytano para o antigo *Jornal da Manhã* de Porto Alegre e publicada em 11 de julho de 1936:

“Poeta de encantadora sensibilidade, Mario Quintana é hoje um dos mais interessantes nomes do Rio Grande.

Seus versos definem uma alma comovida diante do belo.

Atingindo, por meio de ritmos estranhos, o equilíbrio e o mistério da arte de fazer versos e de ser poeta, Mario Quintana se tornou uma figura inconfundível na nossa história literária contemporânea.

Dum expressionismo meigo, toda a sua poesia é um caderno de ternura.

Enamorado da música de ‘Oraisons mauvaises’, onde a pureza das imagens se dilui num sentido pra lá de sutil.

Mario Quintana é assim claro e azul, às vezes em meio-tom, à maneira de seu poeta da Normandia.

A arte para Mario Quintana é uma atitude de homem mediterrâneo.

Prosador, também, tem nos dado páginas muito finas em contos e crônicas.

Tradutor da Livraria do Globo, Mario Quintana emprega sua atividade literária na grande casa editora de Porto Alegre.

Poeta, *conteur*, tradutor e cronista, Mario Quintana é sempre um espírito delicado e profundamente intelectual.”

Quando começou a escrever?

Muito cedo, ainda no tempo da espanhola.

Por que se tornou um escritor?

A pergunta é embaraçosa e há muito que me preocupa, em verdade. Mas em tese, não apenas sob o ponto de vista pessoal: por que e para que se escreve? Como vê o amigo, as interrogações ficaram no ar à espera de solução...

Como trabalha?

Eu tenho feito é versos, o que não comporta método nem horário. Dá-se, suponho, um longo trabalho interior, um caos de impressões indefiníveis, choques, sentimentos etc., até que um dia, sem fiatar nem nada, brota um mundinho inesperado: o poema. Aí então o poeta intervém, escolhe, omite, trabalha, pois a poesia é também uma arte plástica... É uma ocupação, aliás agradável. Acho que todo o

o mundo devia fazer versos: a análise dos próprios sentimentos e sensações e o refinamento da sua expressão verbal, eis uma ocupação que contribuiria em muito para a melhoria dos nossos semelhantes, ou que, pelo menos, os impediria de fazer coisas piores.

Qual foi a maior emoção que teve na vida literária?

Emoções na vida literária propriamente só as tenho no momento em que estou escrevendo. O resto, a meu ver, não pertence à matéria em foco.

Qual entre os seus trabalhos o que mais prefere?

É a parte intitulada “Noturnos” do meu livro: o *Museu de cera*, ainda inédito. Acho que foi ali que dei a minha nota mais característica, mais pessoal.

Os autores que mais o impressionaram?

O primeiro grande choque que recebi foi com a leitura de *Os miseráveis*. Mas isto aos treze anos. Depois, por motivos de gratidão e respeito, nunca mais reli o Victor Hugo. O escritor, porém, que maior influência exerceu na formação do meu espírito foi Remy de Gourmont. Descobri-o na idade crítica. Ele me ajudou a libertar-me de vários tabus de todo gênero, contra os quais a gente sempre se rebela no período heroico da adolescência. Passada tal crise, fica-se, naturalmente, a salvo dessas perigosas aventuras...

O primeiro livro que leu?

As minas de prata, de José de Alencar. Só o primeiro volume, o outro eu não o tinha à mão. Essa insatisfação inicial do meu primeiro contato com a literatura deu uma feição curiosa à minha maneira de ser nessa matéria, fato, todavia, que não interessa ao público em geral e por isso deixa de ser aqui explanado.

E a posição literária do Rio Grande no movimento brasileiro?

Precisamos fazer muita força nesse sentido, se é da sua opinião que a gente deva trabalhar em conjunto. Os nossos esforços aqui são alguns notáveis, mas isolados, tanto no ambiente brasileiro como no próprio Rio Grande. Aliás, aqui a gente não vai muito nessa coisa de moda. Anda por aí uma ortodoxia de arte proletária, não é? Eu noto cá no Rio Grande, com satisfação, é um forte individualismo. Cada um dá o seu depoimento pessoal, diz a sua mensagem, a sua visão das coisas. Isto explica o surto admirável de individualidades tão diferentes como Augusto Meyer e Erico Verissimo.

Que pensa do nosso regionalismo?

Enquanto existir esta palavra, “regionalismo”, estamos perdidos. A verdadeira obra de arte transcende as fronteiras. Simões Lopes, por exemplo, é um dos maiores *conteurs* do mundo; é assim que eu o admiro, e não como regionalista. Há muita gente aqui que só escreve coisas regionais por um espírito de acanhado bairrismo; há poetas que se debulham em rimas diante de um umbu (porque é o nosso umbu) e ficam frios e silenciosos perante um lampião de esquina. Que diferença de qualidade poética pode haver entre um lampião e um umbu? Nenhuma. Outra coisa: tirante honrosas exceções, o

nosso regionalismo tem sido uma fantochada: gaúchos eternamente *valientes* e chinas irremediavelmente traidoras, estes os bonecos convencionais que se agitam num texto aspeado de vocábulos fronteiriços, coisa muito boa para os futuros dicionaristas, mas de tão complicada leitura para um cidadão medianamente civilizado, como, por exemplo, *A demanda do Santo Graal*, ou quaisquer outros trechos do português arcaico.

Qual o melhor livro rio-grandense depois de 1930?

Eu já disse há pouco que, excetuando o preconceito regionalista, as nossas manifestações literárias se caracterizam por um forte acento de individualismo. A não ser assim, fácil seria dizer qual o melhor livro marxista, qual o melhor livro isto ou aquilo. Aqui, pois, cumpre especificar. Direi que o livro mais forte, mais intenso, mais bem construído que tivemos de 30 para cá foi o de Dionélio Machado: *Os ratos*. O mais delicioso: *Literatura e poesia*, de Augusto Meyer. Há os *Caminhos cruzados*, de Erico Verissimo, que é o mais não sei o que, mas em todo caso foi a revelação de um verdadeiro romancista. E que dizer de *Seu Paulo convalesce*, de Telmo Vergara, um *conteur* sutilíssimo?

Devemos procurar um sentido mais espiritual dentro da literatura atual?

Pergunta difícil... Naturalmente que sim. Mas deixemos este debate para quando houver mais tempo...

Que pensa da presente “enquete”?

Que a sua intenção é muito louvável.

Não pude morrer jovem

Certo dia escreveu em seu diário Jules Renard, esse mestre do pouco falar e do muito dizer, uma simples linha:

“Agora já não posso morrer jovem.”

Devia estar completando uns quarenta e tantos e ainda não podia ter conhecido estes versos do poeta português Antônio Botto:

“Morrer jovem

E de rosas coroados...”

O qual Antônio Botto já lá se foi sessentão e provavelmente arritico na melhor das hipóteses, não podendo morrer jovem e coroados de rosas, morreu coroados de louros...

Em último caso, tomo de empréstimo a prestativa “máquina de explorar o tempo” de H. G. Wells e apareço diante de Jules Renard por uma bela manhã de 1902.

E o mestre me diz, como sempre fazia, experimentando antes, com amigos, as desconhecidas e hoje conhecidíssimas frases de seu diário:

— Agora, já não posso morrer jovem...

E eu, então, lhe perguntaria:

— Mas por que morrer jovem?

E ele, então, cofiando a barbicha (claro que devia ter uma barbicha, marca registrada dos grandes humoristas, inaugurada por Machado de Assis e sem saber copiada por Anatole France):

— Meu filho, sempre seria uma atenuante...

Que pretenderia dizer Jules Renard nesse diálogo imaginário?

Que morrer jovem seria uma justificativa de não ter realizado tudo o que desejava na vida?

E por que trago eu a público esta frase?

Creio que o faço um tanto fora de propósito, visto que isto tudo me ocorre de havermos comemorado o cinquentenário do nosso S. D. de Ramayana e nas vésperas de comemorar o do não menos nosso Maurício Rosenblatt, em dia não averiguado do mês que vem.

Mas, estando já eles realizados na vida, desconfio que o meu propósito deve ser o de uma pessoa que, já havendo passado por igual transe há uns quatro ou cinco anos, lhes quer trazer hoje as palavras da sua experiência, e talvez do seu auxílio...

E agora me lembro, não porque o relembre por último, mas porque me veio à lembrança por motivos puramente cronológicos, do também tão nosso Herbert Caro.

A esses três amigos, pois, quero dizer que a minha presente vida, e portanto a futura deles, é uma coisa que eles nem imaginam...

(Texto publicado em
junho de 1956 no *Correio do Povo*)

*Meus agradecimentos
a Cecy, Sandra e Mara pela sua
colaboração na pesquisa e escolha
destas crônicas*

1987

Apêndices

Sobre Mario Quintana

Nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul, no ano de 1906. Veio ao mundo em família de raiz urbana e escolarizada. Seus avós, tanto o paterno quanto o materno, eram médicos. Seu pai era um dono de farmácia que lia em francês para os filhos ainda crianças.

Aos 13 anos, vai para Porto Alegre estudar no Colégio Militar como aluno interno. Entre idas e vindas, acaba não terminando o colegial, apesar de ser leitor voraz e frequentador da Biblioteca Pública. Quando sai do colégio, aos 17 anos, não tem diploma, mas já se inicia na vida literária porto-alegrense, mesmo quando volta a morar em Alegrete, no ano seguinte. Em 1926, um conto de sua autoria é o vencedor de concurso patrocinado por importante jornal da capital gaúcha na época (*Diário de Notícias*).

Falecidos mãe e pai, transfere-se definitivamente para Porto Alegre em 1929, onde passa a trabalhar como jornalista. No ano seguinte, aventura-se na política e vai até o Rio de Janeiro, seguindo Getúlio Vargas. Fica apenas seis meses na então capital federal. Voltará cinco anos depois, em temporada marcante para sua vida, quando trará conhecimento com os poetas que mais admira: Cecília Meireles e Manuel Bandeira, os outros dois grandes líricos modernos brasileiros.

Nos anos 30, Quintana estabiliza-se na vida profissional, como jornalista e como tradutor assalariado pela Editora Globo. Nesse período, desabrocha e viceja o poeta, que se apresenta finalmente ao mundo numa coletânea própria. Lança seu primeiro livro, *A rua dos cataventos*, em 1940. O livro de poemas inaugura nova etapa em sua vida, ao mesmo tempo que coroa uma década de progressivo amadurecimento.

A década de 40 e a primeira metade dos anos 50 serão de grande atividade para Quintana. Dessa época são os livros de poesia *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Espelho mágico* (1951, com prefácio de Monteiro Lobato) e um volume de *Inéditos e esparsos*, publicado em 1953 na cidade de Alegrete. É ainda nesse período que começa a publicar o *Caderno H* (“textos escritos em cima da hora, na hora H”), primeiro na revista *Província de São Pedro*, e depois, a partir de 1953, no jornal *Correio do Povo*, onde permaneceu por décadas. As prosas curtas, as crônicas, as evocações e os poemas em prosa do *Caderno H* angariarão a Quintana seu primeiro e fiel público de leitores, que só fará crescer a partir daí. Entre as muitas traduções feitas por Quintana no período, destacam-se as de Marcel Proust, que marcaram época.

Depois de breve interregno, as décadas de 60 e 70 assinalarão a consagração nacional do poeta Quintana. Em 1962, reúne sua produção poética em *Poesias*. Em 1966, quando completa 60 anos, sai a *Antologia Poética*, organizada por Rubem Braga e Paulo Mendes Campos para a prestigiosa Editora do Autor, livro vencedor do Prêmio Fernando Chinaglia (“melhor livro do ano”). As homenagens públicas se sucedem: saudação na Academia Brasileira de Letras por Augusto Meyer e Manuel Bandeira (1966), Cidadão Honorário de Porto Alegre (1967), placa de bronze em Alegrete (com a famosa inscrição: “Um engano em bronze é um engano eterno.”), medalha “Negrinho do pastoreio” do estado do Rio Grande do Sul e, ao completar 70 anos, em 1976, prêmio Pen Clube de poesia.

Os setenta anos, em vez de assinalarem um começo de fim, apontam para um novo começo na

trajetória de poeta e prosador de Mario Quintana. São desse momento dois de seus livros mais destacados: *A vaca e o hipogrifo*, de pequenas prosas, e *Apontamentos de história sobrenatural*, de pura poesia elegíaca em versos simples reveladores de grande maturidade criativa. Os lançamentos se sucederão, e novo momento de consagração ocorre em 1980, quando recebe o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Vale lembrar que ao longo de sua carreira Quintana também publicou alguns notáveis livros dirigidos ao público infantil.

Depois de sofrer um atropelamento, o poeta octogenário não deixará de produzir e galgará novas alturas em matéria de prêmios, homenagens, títulos universitários honorários. Em meio a tantas glórias, a maior é ver-se poeta popular, concretizando a fusão com a alma das gentes, meta maior de cronistas e líricos. Em 1985, é escolhido patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, o mais clássico dos eventos literários brasileiros. Nesse ano ainda, sai o *Diário poético*, agenda pessoal de grande venda, em que a cada dia consta um pequeno texto de sua autoria.

Falece em 1994, aos 88 anos de idade. Seus últimos e produtivos dez anos trouxeram antologias, novos livros de poemas, novas coletâneas de crônicas do *Caderno H*, livros infantis. Já nesse período, e de forma mais intensa postumamente, sua obra frutifica em adaptações, encenações, musicalizações. A palavra do poeta fertiliza.

*Italo Moriconi**

* Fontes: CARVALHAL, Tania Franco. Cronologia, in *Mario Quintana – poesia completa*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 2005. FISCHER, Luís Augusto. Viagem em linha reta, in *Mario Quintana/Cadernos de literatura brasileira*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2009.

Cronologia da obra

OBRAS PUBLICADAS

A rua dos cataventos (1940)

Canções (1946)

Sapato florido (1948)

O aprendiz de feiticeiro (1950)

Espelho mágico (1951)

Inéditos e esparsos (1953)

Caderno H (1973)

Apontamentos de história sobrenatural (1976)

A vaca e o hipogrifo (1977)

Esconderijos do tempo (1980)

Baú de espantos (1986)

Da preguiça como método de trabalho (1987)

Preparativos de viagem (1987)

Porta giratória (1988)

A cor do invisível (1989)

Velório sem defunto (1990)

Água: os últimos textos de Mario Quintana (2001, póstumo)

Obra reunida

Poesias (Porto Alegre, Globo, 1962)

Poesia completa (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2005)

Infantojuvenil

O batalhão das letras (1948)

Pé de pilão (1975)

Lili inventa o mundo (1983)

Nariz de vidro (1984)

Sapo amarelo (1984)

Primavera cruza o rio (1985)

Sapato furado (1994)

Traduções no exterior

Objetos perdidos y otros poemas (Buenos Aires, 1979)

Mario Quintana: poemas (Lima, 1984)

[Em antologias]

Brazilian literature (Nova York, 1945)

Poesía brasileña contemporánea (Montevideú, 1947)

Antología de la poesía brasileña (Madri, 1952)

Un secolo di poesia brasiliana (Siena, 1954)

Anthologie de la poésie brésilienne contemporaine (Paris, 1954)

Nuestra America. Antología de la poesía brasileña: cuadernillos de poesía (Buenos Aires, 1959)

Antologia poética de la poesía brasileña (Barcelona, 1973)

Las voces solidarias (Buenos Aires, 1978)